

VALOR

ECONÓMICO

18 de Dezembro 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 90 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza



Das empresas às Finanças

Com o ano a chegar ao fim, o VALOR recupera os factos marcantes da economia. Das mudanças nas empresas públicas ao novo rumo no BNA, o jornal lembra, entre outros, o polémico acesso às divisas, as controversas mexidas na Sonangol e a desistência da Emirates na gestão da TAAG. **Págs. 14 e 15 - 18 e 19**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A Personalidade do Ano



ELEIÇÃO. Escolhido por José Eduardo dos Santos para ascender à chefia do Estado, **João Manuel Gonçalves Lourenço** assumiu o rosto da transformação do país, em menos de três meses de governação, com uma mão-cheia de intenções que já mobilizaram a simpatia interna e o apoio externo. É a Personalidade do Ano, escolhida pela Redacção do VALOR, nesta edição especial que encerra o calendário editorial de 2017. **Págs. 4 e 5**

Moedas AKZ USD 116,7 Kz (+0) ▲ EUR 196,39 Kz (-0,96) ▼ LIBRA 223,02 Kz (-1,18) ▼ YUAN 25,12 Kz (-0,05) ▼ RAND 12,22 Kz (+0) ▲

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



A FIGURA

Não há outra forma de o dizer. A escolha de João Lourenço para substituir Isabel dos Santos, enquanto 'Personalidade do Ano', é uma indicação óbvia. Pelo menos para a redacção do VALOR, o que, de certeza, está em linha com a generalidade da opinião popular. Mas vale a pena revelar aos leitores que houve debate na escolha. O consenso não foi absoluto. O nome de José Eduardo dos Santos saltou na troca de argumentos e a fundamentação da defesa não é ignorável. Para quem indicou o ex-Presidente da República, a justificação está no facto de João Lourenço ser consequência directa de uma escolha pessoal de José Eduardo dos Santos.

De qualquer forma, é João Lourenço que vai ao leme. Com velocidade e atitude que não deixam margem para dúvidas. Contabilizados menos de três meses como Presidente da República, Lourenço indicou, desde já, que as promessas mais importantes da campanha eleitoral são para cumprir. Não o fez, como era esperado, em relação à redução da estrutura do Governo, mas dá sinais claros quanto ao combate à corrupção e às demais práticas lesivas ao Estado, aparentemente o seu principal 'cavalo de batalha'. Sobre esta matéria não poderia ter deixado, aliás, o fim do ano político mais agitado. Lourenço

avisou que vai estabelecer uma moratória para o repatriamento de capitais angolanos no estrangeiro. O discurso não determinou especificamente os capitais a que se referia.

De qualquer forma, ficou a certeza de que João Lourenço visava os dinheiros mal explicados, uma vez que ameaçou com processos quem não vier a cumprir o 'período de graça'.

Até aqui, é esse somatório de atitudes e intenções que mobilizou o apoio popular e justificou os elogios externos, como o do britânico 'Financial Times' e o do norte-americano 'Washington Post'. É também isso que abafou a narrativa contestatória dos partidos na Oposição e colocou segmentos tradicionalmente 'revus' a aplaudirem João Lourenço de pé.

E porque os discursos em 2017 ainda não acabaram – aguarda-se pelo menos pela mensagem de fim de ano à Nação –, João Lourenço ainda terá tempo para dizer aos angolanos que ano teremos em 2018. Mas, até ao fim deste, não há nada imaginável que lhe retire o título de 'Personalidade do Ano'.

Nota da Direcção: A direcção do VALOR ECONÓMICO informa todos os seus leitores, anunciantes e a população em geral que, por força das férias colectivas dos jornalistas por esta altura do ano, as edições de 25 de Dezembro de 2017 e de 1 de Janeiro de 2018 não devem sair à rua. Assim sendo, a primeira edição do ano deverá sair à rua no dia 8 de Janeiro de 2018. A todos desejamos Feliz Natal e Próspero Ano Novo!



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira

Editor Online: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes, Mateus da Graça Filho

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes

comercial@gem.co.ao, **Tel.:** +244941784790-(1)-(2)

Nº de Contribuinte: 5401180721;

Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade,

Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,

222 320511 Fax: 222 320514

E-mail: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Manuel Augusto,

Ministro das Relações Exteriores

O antigo ministro das relações exteriores vai ser embaixador?

Estamos a fazer uma reestruturação do Ministério e um plano de rotação do corpo diplomático. Não estou em condições de dizer quem vai para onde. No próximo ano, o Presidente da República vai determinar uma movimentação de embaixadores. O ex-ministro Georges Chikoti é um embaixador de carreira e está qualificado para qualquer posto diplomático.

Vai manter o número de representações diplomáticas?

Não. Em função da situação financeira, a diplomacia também vai ter de se adaptar. Vamos proceder a um redimensionamento que poderá levar ao encerramento de algumas embaixadas e consulados e abertura de outros. Vamos optar também pela figura da representação regional. Não podemos manter representações com trabalhadores a passarem dificuldades.

Como está o inquérito para apurar irregularidades nos recursos humanos e no Instituto das Comunidades Angolanas no Exterior?

O trabalho está a ser feito. O inspector geral está na fase da elaboração dos relatórios e, dentro de alguns dias, teremos as conclusões. Vamos tomar as medidas adequadas.

12
TERÇA-FEIRA
O PCA da Administração Geral Tributária, Silvio Burity, estima em cerca de 1,1 mil milhões de kwanzas o valor das receitas fiscais arrecadadas pela instituição entre Janeiro e Outubro, dos quais 76% são provenientes dos grandes contribuintes, integrados por mais de 350 empresas.

13
QUARTA-FEIRA
O Banco Sol inaugura uma nova dependência no Lobito, elevando para oito o número de balcões a funcionar naquela circunscrição de Benguela. O administrador para a Área Jurídica, António Garcia, destacou a estratégia de expansão, crescimento e afirmação da instituição bancária.

14
QUINTA-FEIRA
O director do Instituto de Preço e Concorrência (IPREC), Cruz Lima, anuncia um novo modelo de bilhete com preço único de 120 kwanzas para ter acesso aos autocarros, comboios e barcos entra em vigor a partir do próximo ano, em Luanda.



SEGUNDA-FEIRA

É tornada pública a aprovação de um acordo de financiamento entre o Governo e o Banco de Negócios Internacional (BNI) no valor de sete mil milhões de kwanzas para apoiar a aquisição e afectação de meios e equipamentos destinados à campanha agrícola 2017/2018, no âmbito do programa de apoio à agricultura.

15
SEXTA-FEIRA
A Sonangol garante, em comunicado, não existir falta de combustível e que está assegurada o abastecimento deste em todo país, durante a quadra festiva. No entanto, admite atrasos na descarga nos portos, devido a constrangimentos nos pagamentos aos fornecedores.



16
SÁBADO
O ministro do Comércio Joffre Van-Dúnem Júnior defende uma transição suave no processo de graduação de Angola do Grupo dos Países Menos Avançados (PMA) na reunião dos ministros do Comércio dos PMA.



17
DOMINGO
O director municipal da Agricultura e do Desenvolvimento Rural da Chibia, na Huíla, Carlos Tchiloya anuncia que serão distribuídas, ainda este mês, 500 charruas a camponeses no âmbito da campanha agrícola 2017/2018, aberta em Setembro.



COTAÇÕES



LISBOA E LONDRES FECHAM COM GANHOS

A generalidade das principais praças da Europa negociaram, na semana passada, em queda, com o índice de referência europeu Stoxx 600 a desvalorizar pelo terceiro dia consecutivo, penalizado pelas perdas verificadas pelo sector retalhista. Já o lisboeta PSI-20 e o londrino FTSE contrariaram o sentimento de perda. O principal índice bolsista luso valorizou 0,55%, apoiado pelas subidas da Sonae (+3,29% para 1,163 euros), do BCP (+1,15% para 0,263 euros) e da Pharol (+4,26% para 0,269 euros). A inglesa subiu devido a um optimismo sobre as negociações para o Brexit.



DÓLAR VALORIZA CONTRA O EURO E A LIBRA

A divisa norte-americana acabou a última semana a valorizar contra as principais moedas mundiais, graças à convicção dos investidores de que a reforma fiscal de Donald Trump tem condições para ser aprovada até ao final do presente ano. No mesmo período, o euro fechava a desvalorizar pelo segundo dia seguido face ao dólar, verificando-se o mesmo relativamente à negociação da libra contra a divisa dos Estados Unidos. No mercado de commodity, os preços do petróleo voltaram a estar, até à tarde da última sexta-feira, em alta nos mercados internacionais.

Economia/Política

A Personalidade do Ano

ELEIÇÃO. Pelo segundo ano consecutivo, o VALOR ECONÓMICO elege a personalidade do ano, num exercício que se pretende regular. Desta vez, a escolha é óbvia: o Presidente da República.

Por César Silveira

João Lourenço é a personalidade do ano em Angola. A vitória nas eleições de Agosto passado, por si só, colocou o Presidente da República entre os candidatos óbvios, mas esta não foi a razão principal do consenso que determinou a escolha da Redacção do VALOR. A criação do Governo à sua medida, contrariando as expectativas que lhe apontavam submissão ao partido; os discursos que calaram a oposição e mobilizaram a sociedade e o vendaval de exonerações no Governo e nas principais empresas públicas, com velocidade estonteante, confirmaram o poder de João Lourenço ao leme do Estado.

Mas a caminhada de João Lourenço na mobilização do apoio popular não começaria sem críticas. Colocada em ‘caixa alta’ no período de campanha eleitoral, a promessa de redução da estrutura governamental gorou expectativas. Dos 33 ministérios do anterior Governo, João Lourenço conservou 28, com a fusão de algumas pastas, além de ter acrescentado um ministro de Estado aos dois anteriores. A maioria dos observadores, que aguardava por uma redução mais



Manuel Tomás ©VE

substantiva, questionou a ‘timidez’ de Lourenço, ancorados no argumento de que não se poderia esperar por impactos significativos na contenção dos gastos de públicos. Nesta matéria, ‘choveram’ também críticas por João Lourenço ter cedido à manutenção de governantes, especialmente no âmbito provincial, aos quais se adivinhava a reforma, depois de sucessivas presenças nas máquinas do Estado e do Governo.

O tom crítico generalizado alteraria, entretanto, num ápice depois de João Lourenço se empreender numa implacável jornada de exonerações, com a primeira das quais a sinalizar a recuperação da sua principal promessa de campanha: o combate à corrupção. Ao exonerar Carlos Panzo de secretário do Presidente da República para os Assuntos Económicos, decisão acompanhada da confirmação pela Procuradoria-Geral da República de uma investigação contra o economista na Suíça, por alegadas suspeitas de branqueamento de capitais, o Presidente antecipava a intenção de concretizar o combate às práticas ilícitas que lesam o Estado.

Mas, para o novo Presidente da República, as exonerações seriam também o meio de afirmação do poder, pelo que, como alertaria o próprio a 11 de Outubro, no Huambo, no acto público de lançamento do novo ano agrícola, as mexidas haviam de continuar para garantir “o controlo dos principais ins-

trumentos de governação”. Era, na verdade, o aviso indirecto às então administrações das empresas públicas e demais instituições estratégicas do Estado de que não sobreviveriam. Pouco mais de duas semanas depois do aviso no Huambo, a primeira ‘vítima’ acabou por ser Valter Filipe, substituído como governador do Banco Nacional de Angola por José de Lima Massano. Entre todas as exonerações, a de Valter Filipe seria, aliás, a mais antecipada, depois de o jurista ter recebido um verdadeiro ‘cartão vermelho’, no discurso sobre o ‘estado da Nação’, proferido pelo novo Presidente da República, na abertura da legislatura, na Assembleia Nacional.

O resto estava por vir. Empenhado no desejo pré-anunciado de controlo dos “principais instrumentos de governação”, a administração de Carlos Sumbula na Endiama seria a próxima a cair, antes de exonerar Isabel dos Santos e a sua equipa do conselho de administração da “galinha dos ovos de ouro” da “nossa economia”, como João Lourenço chegou a designar a Sonangol, na posse do agora PCA Carlos Saturnino e equipa.

O simbolismo de poder nas exonerações de Carlos Sumbula e Isabel dos Santos, reconduzidos nos cargos meses antes por José Eduardo dos Santos, viria a ser reforçado com as mexidas noutro campo estratégico do Estado: o castrense. Ignorando a Lei sobre o mandato das chefias militares, aprovada no parlamento nas vésperas das eleições e que essencialmente estabelecia o prazo das funções das lideranças castrenses e de segurança, João Lourenço exonerou todas as chefias militares, da polícia e da segurança, poupando quase que em exclusivo o chefe do Estado Maior General das FAA, Geraldo Sachipungu Nunda.

EM BUSCA DAS DIVISAS...

Com a nova governação no BNA, João Lourenço assumiu a aposta de melhorar a gestão das divisas, exigindo também das entidades competentes o combate ao tráfico ilegal das divisas que, para já, teve o seu

“Para corresponder à grande expectativa criada em torno da minha eleição e a confiança renovada no MPLA, governarei usando todos os poderes que a Constituição e a força dos votos dos cidadãos expressos nas urnas me conferem.”

28

NÚMEROS de ministérios do Governo, constituído por João Lourenço, representando uma redução de cinco membros.

ponto alto na operação policial efectuada, este mês, no bairro Mártires de Kifangondo, onde foram apreendidas “algumas centenas de milhares de moeda estrangeira e outros tantos milhões de kwanzas”, segundo o ministro do Interior, Ângelo da Veiga Tavares. Numa intenção de alcance mais alargado (vide páginas 6 e 7), Lourenço anunciou, na semana passada, a definição de uma moratória para o repatriamento de capitais angolanos no estrangeiro, no encerramento do seminário sobre os desafios do combate à corrupção, realizado pelo MPLA.

MONOPÓLIOS, ETC....

Raras vezes, desde que assumiu o poder, João Lourenço deixou de se referir ao combate do que definiu como monopólios. E as medidas do novo Presidente, neste particular, destacaram-se entre as que foram interpretadas como ataques directos a interesses específicos. Um dos casos mais mediatizados foi a rescisão do contrato com a Bromangol, a entidade privada contratada pelo Estado para a oferta dos serviços de análises laboratoriais dos produtos de consumo importados, várias vezes criticada especialmente pelos sectores ligados à importação de produtos alimentares, nomeadamente pelos preços que pratica.

No rol do que ficou designado por combate aos monopólios, à Cimangola foi retirada a exclusividade na gestão do fuel-oil, destinado às cimenteiras, além da assinatura de um contrato com a Total que, entre outros, introduz a petrolífera francesa do segmento da distribuição e da importação de derivados refinados.

A Semba Comunicação também acabou afastada da gestão da TPA 2, que, ao que consta, se prepara para se transformar num canal mais informativo.

“Vivemos presentemente tempos difíceis, tempos que nos obrigam a encarar de forma diferente os desafios da mudança, sem hesitação, o que nos obriga a corrigir algumas práticas generalizadas que estiveram menos bem no passado”

“Louvamos o mérito da iniciativa (de realização do seminário contra a corrupção pelo MPLA), mas consideramos que peca apenas por ser tardia se tivermos em conta que o país vive em paz há 15 anos, em plena fase de reconstrução nacional no quadro de uma economia de mercado, e que foi precisamente nesse período que estes fenómenos perniciosos e condenáveis nasceram, cresceram, se enraizaram e ameaçavam se perpetuar.”

VISTO E REUNIÕES REGIONAIS

Embora se trate de um processo iniciado pelo Governo de José Eduardo dos Santos, não passou despercebida a decisão de supressão dos vistos em passaportes ordinários com a África do Sul e Moçambique. Assim como se destacaram as movimentações no sentido de manter o protagonismo político e diplomático na região, com a realização da minicimeira sobre o Zimbábue e a decisão de João Lourenço de se deslocar àquele país para ajudar na resolução do conflito (viagem, entretanto, cancelada em virtude da renúncia antecipada de Robert Mugabe). Lourenço também esteve na República Democrática do Congo, com Joseph Kabila e Denis Sassou Nguesso, de onde voltou com a promessa de realização das eleições, naquele país, em Dezembro de 2018.

OUTRAS MEDIDAS

A redução da segurança presidencial, espelhada no número de efectivos em serviço quando se encontra a trabalhar fora do seu gabinete, consta dos registos de João Lourenço. Registo que é interpretado como uma intenção de se revelar mais próximo do povo e que, na percepção geral, terá aumentado a aceitação no seio dos potenciais eleitores.

Contas feitas, com pouco menos de três meses de governação, João Lourenço é aclamado interna e externamente, melhorando a imagem do país, com apoio expresso de países como os Estados Unidos da América. Na imprensa mundial, também granjeou prestígio, com elogios em jornais credenciados como o britânico ‘Financial Times’ e o norte-americano ‘Washington Post’.

OPINIÕES SOBRE AS MEDIDAS DE JOÃO LOURENÇO



Claudio Miscia, embaixador italiano em Angola

“Está claro que, mesmo os mais optimistas dos observadores entre os quais me coloco, estão maravilhados pela velocidade das mudanças, pela implementação das reformas e não há que esconder que a visita do nosso Presidente do Conselho de Ministros também serviu como um apoio a nível internacional às reformas que o novo executivo está a fazer.”



João Melo, ministro da Comunicação Social

“As correcções em curso em Angola estão a deixar muita gente sem discurso. Por isso, tratam de inventar confrontos internos que só convencem os desinformados. São falsos problemas...”



Isaias Samakuva, Presidente da UNITA

“Temos de reconhecer. O Presidente João Lourenço surpreendeu-nos (...) Tem-se comportado como um verdadeiro Presidente da República.”



João Seródio, docente Universitário

“Já conseguiu alguns (resultados), há uma série de coisas que já foram feitas. Conseguiu, para já, mudar os mais velhos. Não sabemos se os mais novos serão melhores, mas, pelo menos, é uma mudança. Mas também precisamos de saber que nunca ninguém, em parte nenhuma do mundo, acabou com a corrupção.”



João Pinto, deputado do MPLA

“Reformas políticas devem ser cautelosas para garantir coesão social, evitando conflitos que os sedentos de vingança ou ajustes de conta com os antigos governantes... Evitemos vanglória dos pseudo triunfalistas e humilhação pública... O melhor governo garante coesão e não ansiedade... Nunca ouvi JES ter atitudes públicas ou expressas que descreditassem o governo do Presidente Neto.”



Helen la Lime, embaixadora cessante dos EUA em Angola

“Angola tem agora um novo governo e um novo líder, que tem estado a dar boas indicações. Por isso, devemos manter a esperança.”



Economia/Política

CONTROVÉRSIA À VOLTA DA IDEIA DE JOÃO LOURENÇO

Empresários exigem imposto para fortunas saídas ilegalmente

REPATRIAMENTO DE CAPITAL. Associações empresariais sugerem aplicação de impostos para o capital angolano recuperado do estrangeiro e a sua aplicação na economia, enquanto a UNITA prefere incluir no próximo OGE. São reacções ao discurso do Presidente João Lourenço que já avisou que a medida, caso seja aplicada, “não é perseguição aos ricos”. BNA já identificou 30 mil milhões no estrangeiro.

Por Nelson Rodrigues

A Associação Empresarial de Luanda (AEL) defende a aplicação de impostos ao volume de dinheiro angolano saído ilicitamente do país, depois de recuperado pelo Estado e identificados os proprietários, de acordo com o seu presidente, Francisco Viana, em declarações ao VALOR, e em reacção à moratória de João Lourenço para o

repatriamento das fortunas de angolanos, depositadas no exterior.

Para os associados da AEL, que aplaudem a ideia do vice-presidente do MPLA, o combate à corrupção e ao branqueamento de capitais deve ser acompanhada de medidas complementares. É nesta óptica que defendem a criação de uma taxa sobre os dinheiros angolanos depositados no estrangeiro, medida fiscal que deve reverter para um fundo de formação dos gestores. “Estamos satisfeitos com a medida, que vai ajudar [a recuperar] alguns fundos, que são autênticas fortunas para Angola. Mas essa medida, para ter um valor para toda a sociedade, precisa de ser acompa-

nhada de outras complementares, que parte deste dinheiro seja devidamente taxada. Que haja um imposto que recaia sobre este dinheiro e que parte do dinheiro a ser recolhido, por via da taxa, possa reverter a favor de um fundo de capacitação da classe empresarial angolana”, sugerem os empresários de Luanda, através de Francisco Viana.

Há uma semana, João Lourenço apelou aos angolanos com fortunas no estrangeiro a repatriarem os activos para Luanda, avisando que, quem o fizesse de forma livre, “não sofreria nenhuma penalização”, apesar de não ter especificado a que dinheiros se referiu. Ou seja, João Lourenço não diferenciou dinheiros saídos de forma legal dos que, ilegalmente, saltaram para o exterior.

28

Milhões de euros, ‘bolo’ recuperado pela ALSF depositado na conta da ex-primeira-dama tunisina, Leila Trabelsi, esposa de Ben Ali.

“(…) Pretendemos que os angolanos detentores de verdadeiras fortunas no estrangeiro sejam os primeiros a vir investir no seu próprio país, se são mesmo verdadeiros patriotas. O Executivo vai, no início do ano, estabelecer um período de graça durante o qual todos aqueles cidadãos angolanos que repatriarem capitais do estrangeiro para Angola e os investirem na economia, em empresas geradoras de bens, de serviços e de emprego, não serão molestados, não serão interrogados das razões de terem tido o dinheiro lá fora, não serão processados judicialmente”, garantiu João Lourenço, naquela que entra para o grupo de sugestões mais comentadas do novo Governo.

A indefinição no discurso do Presidente da República arrancou, de vários segmentos, diversas reacções. Para o administrador bancário Filipe Lemos, João Lourenço “tinha de esclarecer de que dinheiro se trata”, já que, entende o gestor, “há angolanos com investimentos lícitos no estrangeiro”. “Há aqui alguma confusão. O vice-presidente do MPLA acabou por não concretizar a ideia. Quando fala do repatriamento dos capitais angolanos, não diferenciou os capitais que estão lá de forma lícita dos ilícitos. Na verdade, todos acabamos por subentender que se referia a capi-

tais que foram parar nessas geografias de forma fraudulenta.”, comenta Filipe Lemos.

Se para os empresários de Luanda, o dinheiro ilícito deve ser tributado, a UNITA defende a inclusão do mesmo na próxima planificação orçamental de 2018.

A proposta do maior partido da Oposição sugere que o dinheiro depositado ilegalmente, no estrangeiro, deva ser inscrito numa rubrica específica do Orçamento Geral do Estado a que designa por “receitas extraordinárias”, além de questionar a identidade dos proprietários das respectivas somas.

BNA CONFIRMA 30 MIL MILHÕES LÁ FORA

De acordo com o Banco Nacional de Angola (BNA), estão depositados em bancos estrangeiros cerca de 30 mil milhões de dólares, metade dos quais activos de bancos nacionais junto dos correspondentes, do Tesouro e do Fundo Soberano, além de outras entidades não mencionadas.

Também o governador do banco, José Massano, não foi capaz de esclarecer, do total de verbas identificadas pelo BNA, que volume é referente às operações de saídas ilícitas de dinheiro angolano.

COMBATE À FUGA DE CAPITAL EM ÁFRICA

De acordo com a ‘Facilidade de Apoio Legal Africano (ALSF, na sigla em inglês), entidade ligada ao Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), que dispõe de ferramentas de recuperação e repatriamento de activos complexos, há mais países na luta contra a fuga de capitais, como a Tunísia, que, segundo o organismo, já recuperou 28 milhões de euros, alegadamente depositados na conta da ex-primeira-dama, Leila Trabelsi, esposa do presidente Ben Ali.

Além da ALSF, existe ainda a Iniciativa de Recuperação de Activos Roubados (STAR, em inglês), outro organismo do Banco Mundial e do Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes (UNODC), que apoia os esforços internacionais para acabar com refúgios para fundos corruptos.

Dados da STAR, citados pela Rádio Alemã, apontam que o governo nigeriano já recuperou, por exemplo, nos últimos quatro meses, cerca de 200 milhões de euros, em operações anticorrupção.

2

MIL MILHÕES DE DÓLARES, verba que José Eduardo dos Santos, PR cesante, ordenou ao ministro das Finanças a captar nos mercados financeiros, para financiar a economia nacional.

30

Mil milhões de dólares, valor da fortuna nacional que o BNA garante estar depositado no estrangeiro.

200

Milhões de dólares, montante que o governo nigeriano recuperou nos últimos quatro meses, em operações anticorrupção.

“Não nos podemos esquecer que muita pessoa boa tinha os seus dólares aqui, nos bancos, e hoje anda à procura deles. É preciso que essas pessoas que tenham capital lícito no exterior sintam segurança no mercado”.

José Severino, presidente da AIA

Também o novo presidente do Zimbábue, Emmerson Mnangagwa, anunciou amnistiar todos os servidores públicos próximos ao seu antecessor, Robert Mugabe, que tenham alegadamente desviado fundos do erário público, medidas que colocam Angola junto dos congéneres africanos na luta contra os crimes de lavagem de dinheiro e apropriação de fundos ilícitos.

DINHEIRO AJUDA ECONOMIA
O presidente da Associação Industrial de Angola (AIA), José Severino, considera, por sua vez, que o dinheiro referido por Massano, “se

recuperado, e colocado a serviço da economia, pode ajudar no processo de desenvolvimento”. “É preciso que se criem condições para que esses valores reforcem a banca, entrem no mercado de capitais e façam investimentos directos”, defende o ‘patrão’ dos industriais angolanos, citando palestrantes ao certame do MPLA, que discutiram a problemática da corrupção na administração pública.

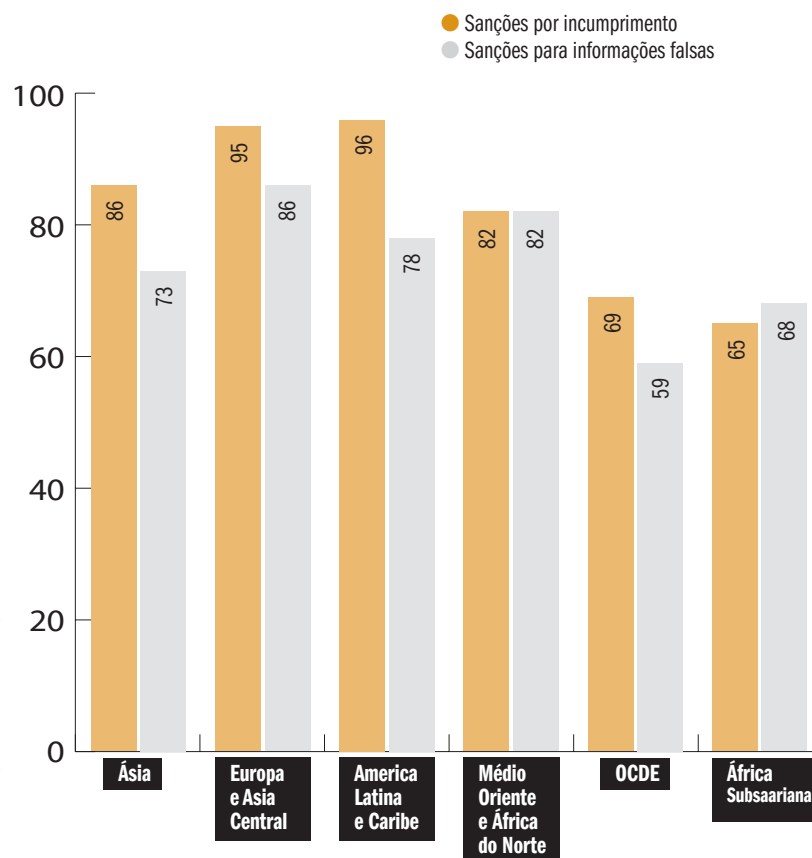
“No caso da AIA, temos lançado reptos para o investimento, sobretudo na agricultura, agro-indústria, bens alimentares, e estamos a pôr avisos públicos, no sentido de que, quem tiver projectos que os apresente, para que esses capitais [enterrados lá fora] possam ser aplicados com a eficiência que todos queremos”, reforça.

“Não queremos capitais estagnados”, sublinha José Severino, no que é seguido pelo economista Lopes Paulo. Para o ex-administrador da Agência para a Promoção de Investimento e Exportação de Angola (APIEX), a medida de João Lourenço “vai dinamizar projectos do Estado, que, desde há já alguns anos, estão entalados por escassez de recursos”. Sobre os 30 mil milhões identificados pelo BNA, Lopes Paulo considera que esse valor “dobra as reservas internas nacionais líquidas do país, pode ser aplicado em iniciativas públicas e desafogar a banca nacional”.

Já o ano passado, José Eduardo dos Santos tinha instruído o ministro das Finanças a captar fundos de financiamento de dois mil milhões de dólares, no mercado internacional, através de emissão de eurobonds. “Estamos a falar simplesmente de cerca de 10%, se o valor [‘apanhado’ pelo BNA] for 20 mil milhões, ou muito menos, cerca 7,5%, se for 30 mil milhões. Se estamos hoje à procura e a tentar regozijar-nos com dois mil milhões de financiamento, que se pode obter no mercado internacional, se o país conseguir recuperar recursos próprios na ordem de 20 ou 30 mil milhões de dólares, vai trazer aqui um desafogamento muito grande no funcionamento da economia do público, tanto do privado”, analisa o economista.

Considerado “tão alto” o dinheiro angolano no estrangeiro, Isabel dos Santos mostra-se preocupada, admitindo que teve de ligar para o governador do banco central a conferir os dados dos activos de Angola no estrangeiro de que a comunicação

Amostra das sanções aplicadas a funcionários públicos por desvio de fortunas /por percentagem de jurisdições



Fonte: Guia de instrução financeira, da Iniciativa de Recuperação de Activos Roubados, do Banco Mundial/2016



social e vários comentadores atribuíram a José Massano.

“Ouvi [no fórum] um dos ‘painelistas’ a referir-se a valores muito avultados na ordem dos 31 biliões de dólares (mil milhões), que estão aparentemente registados no BNA como sendo investimentos angolanos no estrangeiro. Fazendo parte do sector bancário, obviamente que esta informação para mim foi bastante preocupante e tentei informar-me mais. E tomei a liberdade de telefonar para o senhor governa-

dor do banco, e mandar-lhe um mail, de forma que pudesse informar-me melhor sobre essa situação”, disse a recém-demitida PCA da Sonangol, respondendo à imprensa, no fim do fórum dos ‘camaradas’ do MPLA.

AIA DEFENDE DINHEIRO LIMPO

José Severino tem ainda outra perspectiva. Como lembrou, parte dos angolanos transportava dinheiro para o estrangeiro devido “às condições económicas internas inviáveis”,

dando exemplo do mau ambiente de negócios e a falta de segurança.

“Não nos podemos esquecer que muita pessoa boa tinha os seus dólares aqui, nos bancos, e hoje anda à procura deles. É preciso que essas pessoas que tenham capital lícito no exterior sintam segurança no mercado. A outra questão é melhorar o ambiente de negócios, porque o nosso ainda tem sérios problemas. E este é também um dos objectivos desta nova visão”, considera o presidente da AIA.

Para os investidores com activos não justificados no estrangeiro, Severino adverte que, em obediência ao apelo de João Lourenço, devolvam o dinheiro. “Os capitais presumivelmente ilícitos, esses têm de responder, de boa fé, ao apelo que foi feito pelo vice-presidente do MPLA. No seu discurso, João Lourenço prometeu criar um conjunto de parâmetros, em que esses capitais, ditos ilícitos, possam regressar ao país com a segurança que foi manifestada pelo Chefe de Estado”, recorda.

MAIS ATENÇÃO À CONDIÇÃO SOCIAL

Por outro lado, o presidente dos empresários de Luanda defende que a estratégia de combate à corrupção “deve incluir ainda a melhoria da vida dos servidores públicos”, elementos que, na análise de Francisco Viana, “são sujeitos” a este tipo de crime. Com isto, sugere reajustes nas condições salariais dos membros da administração pública.

“Combater a corrupção só retornando os capitais que saíram indevidamente não chega. Temos de combater as causas da corrupção, criando uma boa capacidade dos empresários angolanos, que se alargue o leque de oportunidades do crescimento da classe e, simultaneamente, que se criem condições para que os quadros da administração do Estado tenham qualidade de vida e remuneração compatível a um nível de vida digno”, adverte Viana, que junta à Polícia Nacional no grupo a quem o Governo “precisa de dar mais atenção”.

“Que os nossos polícias possam receber o suficiente para não serem corrompidos, assim como os nossos quadros da administração e os nossos governantes possam ter condições para que, quando cessam funções, também mantenham um nível de vida adequado”, defende.

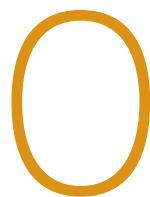
Economia/Política

DONOS DE FAZENDAS NÃO GOSTAM DA ACTUAÇÃO DA ANAVI

Produtores de ovos querem nova associação

AVICULTURA. Grandes produtores querem criar uma nova associação para “discutir com o Estado”. Não se revêm na actual existente por estar “dependente dos favores do Estado”.

Por José Zangui



Os chamados grandes produtores de ovos, proprietários de fazendas, planeiam criar uma nova associação, por não se reverem na única existente,

a Associação Nacional dos Avicultores de Angola (ANAVI).

Elizabete Dias dos Santos, administradora do grupo Diside, proprietária da Fazenda Peróla do Kikuxi, justifica a pretensão com a diferença de interesses: “Os grandes produtores são indústrias de ovos que incluem outras fábricas como as de ração e produção de cartões, daí que se pensa em criar uma associação que vai congrega os grandes produtores, que ao invés de depender de favores do Estado, discute com o Estado”.

A gestora, proprietária da fazenda que produz cerca de um milhão de ovos

por dia, reforça a ideia de que a ANAVI é “composta por pequenos produtores, empresas com menos 50 mil aves” e que foi criada “não tanto para defender os produtores de ovos, mas mais para pedir favores ao Estado e mesmo, com isso, não querem correr o risco de se tornarem grandes produtores”.

Elizabete Dias dos Santos desafia a que se olhe para os números apresentados pela ANAVI. “São números apenas dos pequenos produtores porque os grandes têm os seus dados. Por exemplo, a fazenda Kikuxi, produtora do kikovo, por si só, produz diariamente um milhão de ovos por dia”

O presidente da ANAVI, Rui Santos, é que não se mostra preocupado com a possibilidade de haver mais uma associação. Em declarações ao Valor, não tem dúvidas de que “os grandes produtores se quiserem têm toda legi-



Elizabete Dias dos Santos, proprietária da Fazenda Pérola do Kikuxi

timidade para o fazer”.

Rui Santos lembra, no entanto, que a ANAVI estima ter uma produção de 700 mil ovos dias, a que dizem respeito à soma da produção dos mais de cem associados.

Uma das provas das diferenças na abordagem dos temas entre a ANAVI e os grandes produtores é a perspectiva sobre a relação entre a necessidade do mercado e a produção de ovos durante

a quadra festiva. A ANAVI perspectiva um défice de 40%, estimando um aumento do preço para 70 Kwanzas, no mercado informal. São números contrariados por Elizabete Dias dos Santos. Além da Peróla do Kikuxi, destacam-se entre as grandes produtoras, a Aldeia Nova e a Uniovo e, segundo cálculos de Elizabete Dias dos Santos, a produção total das três anda perto dos 60 milhões de ovos por mês.

PRODUTOS COM PREÇOS VIGIADOS

Quadra festiva mais barata



O preço dos produtos vigiados registou uma queda de cerca de 18%, no início deste mês, comparativamente a igual período do ano passado, altura em que o total dos produtos colecionados neste ‘pacote’ atingiu preços máximos de 32.692,49 kwanzas contra os 26.921,29 deste ano.

Os dados estão expressos no recente relatório sobre o Índice dos Produtos de Preços Vigiados (IPPV), elaborado pelo Instituto de Preços e Concorrência do Ministério das Finanças, referente ao período entre 4 e 8 de Dezembro.

Estes números poderão sinalizar uma tendência de preços baixos durante a ‘quadra festiva’. A confirmar-se será a repetição do cenário de 2016, altura em que o Governo de-

cidou pôr 32 produtos como arroz, leite, pão, entre outros, numa lista de ‘preços vigiados’.

Em 2015, na sequência da crise económica, os preços em Luanda chegaram a aumentar em mais de 14%, segundo dados oficiais, tendo alguns produtos, sobretudo bens alimentares, duplicado de preços.

Os preços dos produtos vigiados, ao que parece, resistem os efeitos da crise, mantendo-se em níveis mais baixos em relação aos anos anteriores. Na comparação semanal, o quadro permanece quase inalterado.

PREÇOS DESCEM

Os supermercados registaram quedas do preço de 14 dos 32 PPV, em Luanda, no período entre 4 e 8 de Dezembro, segundo ainda o relatório do Ministério das Finanças.

O quilo de arroz, por exemplo, que, na semana entre 27 de Novem-

bro e 1 de Dezembro, estava a ser comercializado a 290 kwanzas, baixou cerca de 0,95% para 287 kwanzas. O mesmo sucedeu com o óleo de soja que reduziu cerca de 5,6% o litro, estando a custar 542 kwanzas, no período em análise, contra os 574 da semana anterior.

No geral, as maiores reduções de preços, verificadas em supermercados, foram em relação a produtos como o carapau que quedou 10,96% e o pão bola (14,76%). No entanto, os maiores aumentos ocorreram em produtos como alface (8,94%) e cenoura (7,32%).

Nos armazéns grossistas, as maiores reduções de preços verificaram-se em produtos como carapau (17,95%) e frango congelado (12,66%). O sabão em barra, com 17,39%, e a carne seca (14,25%) foram os produtos que tiveram maiores aumentos.



Optimismo contagia.

Faça da sua confiança o caminho para um feliz 2018.

Uma mensagem do BPC para todos aqueles que, como nós, acreditam que, com confiança e visão de futuro, podemos superar as dificuldades e realizarmos todos os nossos sonhos.



Cuidar do presente, assegurar o futuro.

Entrevista

FEDERICO CRESPO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESARIOS FRANCESES EM ANGOLA

“Angola não pode esperar pelo investimento estrangeiro para crescer”

O franco-angolano defende que o repatriamento de divisas de angolanos para investir no país pode servir de incentivo para o investimento de empresários estrangeiros. E acredita que o caso ‘Angolagate’ impediu o contributo de França para a reconstrução do país depois do conflito armado.



Por José Zangui

Qual é o enquadramento que faz das relações empresariais entre Angola e França?

São relações históricas. Para ter uma ideia, há

dois anos, a Total celebrou 60 anos de presença em Angola. Significa que, antes da independência, já havia empresas francesas neste país. O grosso das empresas está na área petrolífera. A Total é a

principal produtora do país com 600 mil barris de petróleo por dia, representando 40% da produção nacional, e conseguiu atrair várias empresas que prestam serviços. Há também uma grande presença na área da logística. Temos o grupo Castel, que produz cervejas, refrigerantes, vidro e, agora, está com um investimento na agricultura com a produção de milho, em Malanje. O grupo Castel é o maior contribuinte fiscal angolano fora do sector petrolífero. Seguem-se negócios de franceses na área de hotelaria, ‘rent-a-car’ e outros serviços, totalizando 70 empresas francesas que, no conjunto, criaram 25 mil empregos.

E como é que os empresários franceses encaram este período

O grupo Castel é o maior contribuinte fiscal angolano fora do sector petrolífero. Seguem-se negócios de franceses na área de hotelaria e outros serviços.

de crise e de transformações?

Os empresários franceses sentem-se cada vez melhor. Angola está a viver uma nova etapa da sua história que não se pode compa-

rar ao período da década 1990, quando o sistema económico era centralizado. Há uma dinâmica em termos económicos e, depois das eleições, com as mudanças que o Executivo está a efectuar, os empresários franceses estão mais esperançosos. Angola não pode viver apenas do petróleo. O tempo do barril ao preço de 100 dólares acabou, agora é necessário diversificar a economia. Para esse desafio, é necessário que os países se apoiem, mas é necessário, sobretudo, que se apoie o empresariado.

Falou em 70 empresas a operar em Angola. Acha que a presença seria maioria se as relações não tivessem sido, a determinada altura, abaladas nomeadamente

com o caso ‘Angolagate’?

O caso ‘Angolagate’ foi um episódio triste na relação entre os dois países e aconteceu num período em que Angola tinha alcançado a paz e em que a França poderia ter contribuído melhor para a reconstrução de Angola. Mas é um impasse político que ficou para trás. O mais importante agora é que os dois países perceberem que estão em concorrência com o mundo e, para Angola criar emprego, riqueza e desenvolver-se, precisa de ser atractiva para o investidor

Alguma empresa francesa chegou a abandonar o país?

Felizmente, não. Foi um assunto político-diplomático que não tocou nas empresas que já estavam no

“ O caso Angolagate foi um episódio triste na relação entre os dois países e aconteceu num período em que Angola tinha alcançado a paz e em que a França poderia ter contribuído melhor para a reconstrução de Angola. ”

70

Número de empresas francesas a operarem no país.

1000

Milhões de euros valores a serem investidos por empresas francesas

25

Mil postos de trabalhos criados pelas empresas francesas

país. Não sentimos nenhum problema decorrente deste caso. Pelo contrário, foi nesta altura em que a Total fez as grandes descobertas e os grandes investimentos. Porém, houve retracção de novos investidores.

Como classifica o nível de atratividade do país?

Basta olhar para os ‘rankings’ internacionais, do Banco Mundial e de outras instituições credíveis. São claros: Angola está muito em baixo em termos de ambiente de negócio e, desta forma, é difícil criar ou desenvolver negócio. É necessário tornar Angola num país mais atractivo para se fazer investimento nacional ou estrangeiro. O próprio Presidente da República fez um apelo no sentido

de os angolanos que têm dinheiro fora investirem em Angola.

Conhece casos de angolanos com dinheiros em França?

Fala-se em dezenas de milhões de dólares saídos de Angola, ao longo dos últimos anos, e colocados em diferentes países. Eu não tenho conhecimento de investimento nenhum angolano em França. Mas há casas de angolanos em França. E a questão até não é obrigar, mas tem de se incentivar para que o dinheiro investido no exterior volte para ser investido no país. Porque, senão, a pergunta que fica é: se os angolanos não investem no seu país, serão os estrangeiros a investir? Têm de ser primeiros os angolanos a dar exemplo ao investidor estrangeiro. Não basta dizer ‘venham investir, que eu fico com 30 ou 40%’. As parcerias devem ser mesmo parecerias. Cada lado deve arriscar com a mesma percentagem.

Conhece muitos casos de empresários franceses que receberam propostas do género?

Há casos. Criou-se uma cultura de pensar-se que o estrangeiro é que tem de trazer o dinheiro e correr o risco sozinho. É um facto, mas, como disse, têm de ser primeiro os angolanos a arriscarem pelo seu país e não esperar que sejam os estrangeiros a fazer.

Mas essa não é uma realidade exclusiva de Angola?

Nos países mais atractivos para o investimento, isso não acontece.

Mas essa cultura não terá resultado também de ofertas ou propostas de estrangeiros na ânsia de investirem no país?

É provável, mas isso era na altura do dinheiro fácil, uma era que já acabou, o tempo do dinheiro fácil acabou. Agora é preciso arriscar na mesma proporção.

Quais são os constrangimentos que enfrentam os empresários franceses?

São conjunturais para toda a classe empresarial. A questão das divisas, sobretudo nos últimos dois anos. O acesso aos cambiais deixou de ser gerido pelos bancos comerciais, passando a ser feito pelo Banco Nacional de Angola que prioriza os programas dirigi-

PERFIL

Um francês Angolano

Federico Creso, franco-angolano de 50 anos de idade, é formado em gestão. Chegou ao país há 27 anos, como cooperante. Casado com uma angolana, com quem tem dois filhos, tem três empresas, sendo uma na área do turismo e outra na importação e distribuição. Tem ainda projectos na área da agro-indústria. Lidera, há 15 anos, a Associação dos Empresários Franceses em Angola e tem o título honorífico de conselheiro empresarial da embaixada de França em Angola. Este mês adquiriu a sua segunda nacionalidade, no caso a angolana.



Mário Mujica © VE

Criou-se uma cultura de pensar-se que o estrangeiro é que tem de trazer o dinheiro e correr o risco sozinho.

dos. Esse é um grande problema. São mais de 500 milhões de euros que as empresas francesas têm em atraso na banca comercial, nos últimos dois anos. Isso faz com que

muitas empresas francesas se sintam forçadas a reduzir o pessoal para diminuir os custos e poder sobreviver.

Há registo de empresas que, por conta desta situação, encerraram as actividades?

Não. Muitas estão a esperar o que vai acontecer nos próximos tempos. Há um novo discurso, uma nova esperança. Portanto, estão a ponderar. O que se espera é que as coisas melhorem mesmo porque, se não, vamos ver empresas fecharem.

A era do petróleo acabou, como disse. No novo contexto, quais são os sectores de eleição dos empresários franceses?

A França já tem uma presença significativa na área do petróleo. Há uma vontade de diversificar a economia. A França é a quarta potencial mundial, a nível económico. Um dos caminhos é a agro-indústria. Aliás, temos já o exemplo do grupo Castel com um investimento de 50 milhões de dólares numa fazenda em Malanje. É o exemplo da aventura de uma cooperação económica entre França e Angola.

Tratando-se de relações bilaterais, o que Angola oferece à França?

Essencialmente, o petróleo que Angola exporta. A França naturalmente está interessada em outras matérias que Angola pode exportar, como a madeira transformada, minerais e a França está aberta como espaço turístico para os angolanos.

Como franco-angolano, que papel tem desempenhado para promover o potencial de Angola junto dos empresários franceses?

Tenho procurado atrair investidores para Angola na área da agricultura e da agro-indústria, através da embaixada de Angola, que é a principal parceira da Associação. Há um grande esforço que está a ser feito para promover Angola como destino para investimento dos franceses na agricultura.

Como a França olha para Angola?

São dois países com presidentes novos que querem dar uma nova dinâmica entre África e a Europa e corrigir as relações antigas. África tem muitos países, mas a França reconhece Angola como uma potên-

cia regional, não apenas a nível político, mas também económico.

Há perspectiva de reactivar a Câmara de Comércio Angola/França que foi encerrada na sequência do caso ‘Angolagate’?

Sou membro fundador da Câmara de Comércio Angola França, que, na altura, tinha como presidente o actual presidente do conselho de administração da Sonangol. Eu era o secretário-geral. Foi uma câmara montada às pressas, na altura, para marcar a presença do presidente francês Jacques Chirac, em 1998, em Angola. Depois, houve o ‘Angolagate’ e a câmara adormeceu, depois de três anos. Hoje, o nível de relações é outro. Há vontade dos dois governos em desenvolver parcerias. Pensamos reavivar a câmara no próximo ano. Consta da agenda da embaixada, bem como da Associação dos Empresários Franceses em Angola.

O empresariado francês encontra facilidade de financiamento nos bancos para investimentos em Angola?

Os bancos franceses estão entre os melhores do mundo e estão habituados a financiar, sobretudo, nas áreas de petróleo e gás. São muito activos. Por outro lado, temos a Agência de Desenvolvimento Francês que tem financiado projectos do Governo na área de energia e água e, dentro em breve, na agricultura. São mais de 100 milhões de euros que serão investidos em Angola por via da Agência Francesa para o Desenvolvimento em parceria com o Banco Mundial.

Durante a ausência, por algum tempo, da Agência Francesa para o Desenvolvimento, como as empresas francesas conseguiram financiamento?

Era fácil, porque a banca nacional funcionava bem até à crise dos cambiais, e as multinacionais francesas também tiveram financiamento da banca internacional.

O que espera do recente acordo assinado entre a Total e a Sonangol?

É uma excelente notícia para os franceses. Foram anunciados novos investimentos na pesquisa. Angola ainda tem grandes reservas por explorar, mas há seis anos que não explora nada.

Economia/Política

OGE JÁ NO PARLAMENTO

Governo estima crescimento “realista” do PIB a 4,9%

Conselho de Ministros aprova proposta do OGE para 2018



MEMORIZE

● O OGE de 2017 trazia despesas de 7,3 triliões de kwanzas, o que permite um crescimento de 32% nos gastos da previsão orçamental de 2018.

ORÇAMENTO DO ESTADO. Estimativa é considerada realista por Manuel Nunes Júnior. Preço do barril de petróleo inscrito nos 50 dólares.

Por Cândido Mendes

O Governo deu finalmente entrada na Assembleia Nacional do Orçamento Geral do Estado (OGE) do próximo ano que apresenta despesas totais de 9,65 biliões de kwanzas (nomenclatura europeia), segundo o ministro de Estado do Desenvolvimento Económico e Social, Manuel Nunes Júnior, em declaração a repórteres, após o acto formal de entrega dos documentos.

O OGE conta com receitas fiscais provenientes de “múltiplas fon-

tes”, incluindo a venda do crude, cujo preço de referência foi estabelecido a 50 dólares o barril, contra os 45 dólares inscritos no OGE em execução.

“O objectivo fundamental do orçamento é o de garantir a estabilidade macroeconómica do país”, disse Nunes Júnior. Outra “vertente muito importante é criar as condições para que haja investimentos nacionais e estrangeiros, para que o país possa crescer”, acrescentou.

O governante ressalta que, no documento que ainda não foi disponibilizado a jornalistas, o défice esperado é de 2,9% comparado aos 5,8% do OGE de 2017. O défice foi calculado “suficientemente adequado para que a necessidade de endividamento seja cada vez menor para garantir uma sustentabilidade da dívida e essa sustentabilidade seja em função do crescimento económico”, justificou o ministro de Estado.

9,65

biliões de kwanzas é o valor estimado das despesas totais do OGE do ano de 2018.

2,9

valor percentual do défice do OGE.

O OGE deste ano trazia despesas de 7,3 biliões de kwanzas, o que permite um crescimento de 32% nos gastos da previsão orçamental de 2018. Questionado sobre o aumento da despesa que contraria a narrativa oficial da redução de gastos, o ministro não respondeu: “O Orçamento foi feito com bases muito realistas. Os números que estão nesse Orçamento são números concretizáveis, não são números apenas nominais”.

O Executivo, na fundamentação do diploma, apresentou ajustes do ponto de vista fiscal e do ponto de vista cambial para que o país possa permanecer no equilíbrio, que deverá passar pela consolidação das contas internas e externas do país.

A revelação do crescimento de 4,9% do produto interno bruto (PIB) foi feita por Diógenes de Oliveira, presidente da Comissão de Economia e Finanças da Assembleia Nacional.

Esse crescimento do PIB mostra que “há um esforço na reanimação da economia, o que será determinante para a estabilidade política

e económico-social”, disse Diógenes de Oliveira.

Angola teve um crescimento de 0% em 2016, e a estimativa do aumento do PIB para o ano em curso é de 2,1%, todas muito abaixo do crescimento populacional que ronda 3,5% ao ano. “Os últimos anos não foram bons para a economia”, justifica o parlamentar.

Os deputados à Assembleia Nacional, que se encontram em férias parlamentares devido à quadra festiva, tiveram o seu repouso sabático reduzido em 10 dias. Os debates para a discussão e aprovação do OGE de 2018 terão assim lugar de 5 de Janeiro a 15 de Fevereiro.

A última equipa do Fundo Monetário Internacional (FMI) a visitar Luanda em Novembro passado, visita realizada com o objectivo de preparar a missão que chega no princípio do próximo ano, alertou que, apesar de a economia angolana ter observado “uma pequena recuperação ao longo do presente ano, continuam a existir desequilíbrios macroeconómicos substanciais”.

O FMI calculava que o crescimento do PIB esperado para 2017 venha a ser de 1,1%, contra os 2,1% estimado pelo Governo, e a instituição de Bretton Woods prevê uma diminuição para 5,2% do PIB da conta corrente externa.

Aguardam-se assim com expectativa os detalhes de como o Executivo vai fazer ‘saltar’ o crescimento do PIB, da sua estimativa, de 2,1% em 2017 para 4,9% em 2018.



- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



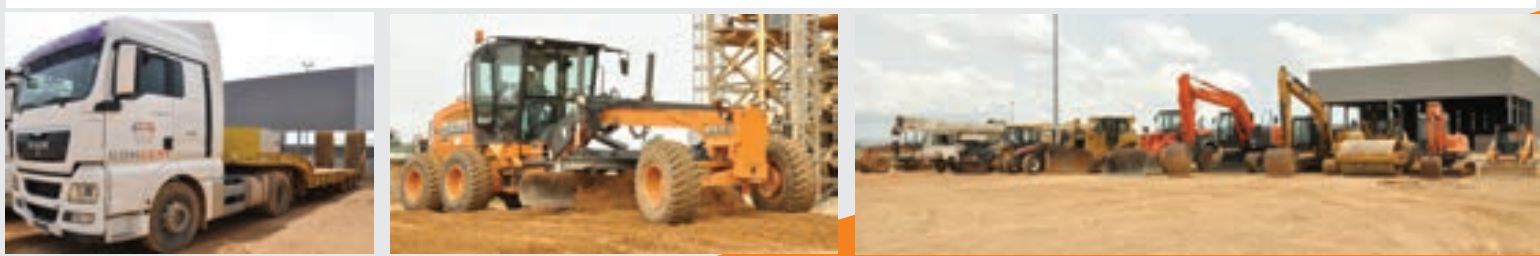
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Mercado & Finanças

DE JANEIRO A DEZEMBRO

BNA versus banca comercial

RETROSPECTIVA.

Principais temas, do ano que termina, da secção 'Mercado e Finanças' são resumidos, nesta edição, com destaque para as principais alterações ao regulamento sobre movimentação de divisas, resultados operacionais da banca e recomendação dos auditores para a observância das regras do Banco Central.

Por Nelson Rodrigues



BNA autoriza moeda estrangeira

O Banco Nacional de Angola volta a permitir, no início do ano, que os investidores estrangeiros e demais não-residentes cambiais, com contas em moeda estrangeira, passassem a ter acesso aos seus depósitos, através de pagamentos de serviços em kwanzas, a favor de residentes cambiais e por ordens de pagamentos ou transferências para o exterior, depois de estarem impedidos de o fazer desde o início da crise, em 2014.

FMI 'preocupado' com restrições nas divisas

O Fundo Monetário Internacional (FMI) recomenda, em finais de Fevereiro, ao Governo o estabelecimento de um calendário que previsse quando terminavam as restrições na venda de moedas estrangeiras, com vista a "resolver, de forma urgente, os desequilíbrios no mercado cambial", de acordo com um documento do organismo, publicado pelo VALOR e onde constam as conclusões da sua visita ao país em Novembro de 2016.



Fusão torna Atlântico no 6.º maior banco

Com activos nos 948,4 mil milhões kwanzas, o Banco Millennium Atlântico (BPA) torna-se no sexto maior banco angolano, depois da fusão dos extintos bancos Millennium Angola e o Privado Atlântico. De acordo com uma nota do banco, a fusão também permitiu o crescimento dos lucros em cerca de 40,5% para 25 mil milhões de kwanzas, além do crescimento na carteira de clientes para 980,3 mil. No entanto, a instituição não publica as contas no site, pelo que só foi possível comparar crescimento e desempenho de alguns indicadores graças aos relatórios Deloitte.



BFA fecha contas em Luanda

Depois de observada a exigência do Banco Central Europeu de redução das participações do Banco Português de Investimento (BPI) na sucursal angolana, o Banco de Fomento Angola (BFA) continua, ainda assim, a captar lucros. No balanço de 2016, os accionistas angolanos do BFA aprovam o maior lucro da instituição desde 2010, no valor de 61.712 milhões de kwanzas, mais 63% do que as margens recolhidas em igual período anterior, quando ainda estava sob domínio dos portugueses do BPI.



Banco VTB cumpre exigência do BNA

Três notas dos auditores externos da PricewaterhouseCoopers Angola (PWC) e da Ernest & Young (EY) às contas do banco VTB, relativas ao exercício financeiro dos últimos três anos, confirmam que os accionistas fazem um reforço no capital social com mais 1.100 milhões de kwanzas, subindo para 2,5 mil milhões, o mínimo exigível pelo banco Banco Central. A decisão é tomada três anos depois de várias advertências dos auditores sobre incumprimento da lei, que obriga a um capital mínimo de 2,5 mil milhões para iniciar negócio bancário em Angola.

Balanço 2017

Crédit Agricole 'descativa' obras do Estado

O Governo anuncia, no início do ano, que uma linha de crédito assinada com os franceses do Crédit Agricole, viria a ajudar a descativar vários projectos e obras públicas "de interesse nacional", que estiveram suspensos, durante vários anos, devido à crise do petróleo que deixou de meter dinheiro no Tesouro nos montantes superiores aos fluxos de antes de Junho de 2014. Sem avançar montante por se libertar, o Governo garante que o dinheiro deveria cobrir despesas sociais e grandes obras do Estado.



BPC com primeiro prejuízo

No fim do primeiro semestre de 2017, torna-se público o primeiro balanço com prejuízo, nos últimos 16 anos, do maior banco angolano em activos. Avaliado em 29,5 mil milhões de kwanzas, as perdas decorrem, segundo a administração do BPC, da "constituição de 72,7 mil milhões para o crédito perdido e da prevenção de futuras perdas". As contas são apresentadas ainda no calor das reformas administrativas e operacionais do banco que, em menos de um ano, foi dirigido por três administrações.



BNA de 'olhos' nas operações bancárias

Com vista a aumentar a taxa de inclusão financeira, o banco central passa a exigir dos bancos comerciais a apresentação de, pelo menos, dois extractos bancários de clientes para averiguar o cumprimento do aviso que proíbe cobrança à prestação de serviços mínimos bancários. Duas semanas após a publicação da medida, uma equipa da direcção de supervisão comportamental do BNA inicia a inspecção às agências bancárias. Em Agosto, dos 30 bancos, dois já tinham sido inspeccionados, um aguardava visita.

BAI com maior lucro da sua história

Pela primeira vez, desde que iniciou operações, o Banco Angolano de Investimento (BAI) declara lucros de 49,7 mil milhões de kwanzas, captados no exercício financeiro de 2016, correspondendo a uma subida de 213% comparativamente ao período homólogo, cujo montante ficou nos 15,3 mil milhões. O crescimento em 62% das margens financeiras e a recuperação do crédito e juros abatidos dão ao banco o maior ganho dos últimos três anos, segundo cálculos do VALOR com base numa nota da entidade que resumia o balanço de 2016.



FSDEA alarga activos em 1,2%

O Fundo Soberano de Angola (FSDEA) anuncia o crescimento de activos em 1,2% até ao segundo semestre deste ano, depois de, nos últimos anos, ver corroídos os fundos em função das aplicações pelo mundo. Com esta evolução, os activos da entidade passam a valer 5,05 mil milhões de dólares, mais 60 milhões do que as margens de igual período anterior contabilizadas nos 4,99 mil milhões.



Crédito reduz em 85% no BIC

Desde o arranque da crise, em finais de 2014, o nível de solicitação de crédito ao banco BIC, fora do Programa Angola Investe, regista uma redução de cerca de 85%, como resultado do alto custo do financiamento bancário, revela o administrador executivo da instituição, Hugo Teles, em entrevista ao VALOR. Esta medida, que prevalece até à data, foi justificada com o aumento do custo do crédito como resultado da revisão em alta da taxa Luibor, que passou de 9% para 24%.



BFA encarece operações com VISA

No início do ano, o BFA avisa os clientes, por via de um comunicado distribuído pelas 159 agências, que viria a cobrar mais nas comissões anuais com manutenção dos cartões Visa, com tarifários cujos preços oscilavam entre 7.500 e 12 mil kwanzas para o crédito e reforço de 1,5 pontos percentuais no custo dos cartões pré-pagos.



Bancos não cativam para vender divisas

Uma medida agora aprovada pelo novo governador do BNA, José Masano, desobriga a que dinheiros depositados nos bancos estejam cativos quando os clientes vão solicitar divisas para pagamentos no estrangeiro. A iniciativa 'revolucionaria' o sector empresarial, que reagiu com aplausos, pelos fluxos financeiros que a política possa criar no mercado empresarial nacional, assim como na economia, no geral. As famílias também ficam beneficiadas, porque deixam de ver os kwanzas cativos mesmo quando pedem divisas aos bancos.



Banco do Brasil encerra representação

O Banco do Brasil fecha a sua representação em Luanda, na primeira semana de Novembro. Os mais de 30 funcionários brasileiros e portugueses abandonaram Angola, ficando apenas a delegação com um representante.

Mercados & Finanças

COM O LANÇAMENTO DO SEGMENTO COMÉRCIO E EMPRESA

Banco Postal arranca com crédito já no primeiro trimestre de 2018

MICROCRÉDITO.

Banco participado pela ENSA e mais dois privados angolanos deve inaugurar 2018 com primeiros empréstimos, logo nos primeiros três meses, com facilidades que incluem a isenção de garantias. A entidade já conquistou 125 mil clientes em um ano de operação, com o serviço 'Xikila Money', o rosto da instituição.

Por Nelson Rodrigues

O início da concessão de crédito por parte do Banco Postal está previsto para o primeiro trimestre do próximo ano, com o lançamento da sua segunda unidade de negócio, 'Comércio e Empresários', soube o VALOR da administração do banco, num encontro de esclarecimento entre os responsáveis da entidade e jornalistas deste meio.

O 'Comércio e empresários' é uma das três unidades de negócios da instituição e será a segunda a iniciar a actividade depois do 'Xikila Money' que arrancou em Junho do ano em curso. O início da terceira unidade, 'Corporate

& Pessoas' também está previsto para o primeiro trimestre, depois de o 'Comércio e Empresários'.

"No primeiro trimestre de 2018, começa o [segmento] 'Comércio e Empresários' e, provavelmente, no primeiro mês ou, mais tarde, no início do segundo mês. A máquina está afinada, as equipas estão formadas, a tecnologia está implementada e o sistema está em conformidade. Assim, estaremos em condições de entrar no mercado com a concessão de crédito", garante Ângelo Costa, director de crédito e marketing da Unidade Comércio e Empresas.

Este propõe-se apoiar pequenos empresários das economias formal e informal e que "são marginalmente servidos por bancos e instituições de microfinanças", segundo esclarecimento da instituição. O limite máximo do valor do crédito deverá estar próximo dos níveis praticados nos microcréditos. Porém, poderá ultrapassar o limite de um milhão de kwanzas definido pelo BNA para as instituições de microfinanças. Segundo esclarecimentos dos responsáveis do banco, os valores serão determinados por uma variedade de condições onde se podem destacar as perspectivas de negócio e o resultado da avaliação sobre a capacidade de reembolso do cliente.

Para aceder ao crédito, ao cliente não será exigida a constituição de uma empresa ou uma contabilidade organizada, nem garantias iniciais. O banco, através da sua equipa de análise de crédito, encarregar-se-á de elaborar balanços financeiros com vista a avaliar os prazos e modalidades de reembolso.

Uma das particularidades do 'Comércio e Empresários' "é a concessão massiva de crédito, mas não nos moldes da banca tradicional, mas de uma banca de facilidade".

"Vemos claramente que o nosso



Além das quiosques, a instituição conta com três agências em Luanda

125

Número clientes captados pelo Xikila Money em um ano.

MEMORIZE

- Para aceder ao crédito, ao cliente não será exigida a constituição de uma empresa ou uma contabilidade organizada, nem garantias iniciais. O banco, através da sua equipa de análise de crédito, encarregar-se-á de elaborar balanços financeiros.

nicho de mercado tem limitações no acesso ao crédito, por não ter garantia, por não ter uma empresa formalmente constituída, ou porque não tem informação contabilística e nós queremos facilitar", explicou Ângelo Costa.

Na sua estratégia para a cedência do crédito, estão também programadas visitas de profissionais do banco a clientes, com vista a recolher informações que facilitem o controlo e gestão da carteira de crédito.

"Temo-nos preparado para ir ao encontro do cliente para recolher, 'in loco', as informações socioeconómicas e financeiras dos clientes, com vista a construirmos um balanço que permita ter uma visibilidade sobre a real situação de reembolso do empréstimo", disse Ângelo Costa.

A instituição acredita que receberá muitas solicitações de crédito visto ser esta a realidade actual no 'Xikila Money' que, entretanto, não disponibiliza o serviço.

'XIKILA MONEY' COM MAIS DE 100 MIL CLIENTES...

Desde que abriu portas, em Setembro de 2016, e com o lançamento do primeiro segmento de negócio, o 'Xikila Money' (pagamento por telefone), o banco já captou 125 mil clientes, além de cerca de 1.600 estabelecimentos comerciais que já usam a solução de pagamento por telefone.

O 'Xikila Money' é uma solução de pagamento digital, desenvolvida pelo Banco Postal, lançada no início de Julho deste ano, que permite pagar compras nos supermercados, levantar, transferir e depositar dinheiro, além de ajudar a pagar contas de luz, água, ou saldo de telemóvel, à semelhança dos ATM.

Segundo dados da instituição, dos 125 mil clientes, cerca de 70% já usam o serviço [Xikila Money] com regularidade. No que aos estabelecimentos comerciais diz respeito, integram, essencialmente, os mini-mercados, cantinas, salões de beleza, além de outras operações marginais, "realizadas por engraxadores de sapatos". Até Outubro passado, o banco registou 80 milhões de kwanzas de todas as operações financeiras realizadas nos estabelecimentos comerciais.

Para além dos pagamentos por telemóveis, os clientes do Banco Postal podem ainda servir-se dos 150 quiosques espalhados por Luanda e Huambo, pequenas 'agências' onde se pode levantar ou depositar montantes não superiores a 100 mil kwanzas.

O Banco Postal é participado pelo Estado, por via do grupo ENSA e dos Correios de Angola, que respondem por 30% do capital social, sendo que a maioria do capital, 65%, é suportada pela EGM Capital, do empresário N'gunu Tiny, e mais 5% da sociedade C8 Capital, outro grupo privado no negócio.

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao

comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 (Arieth Lopes), 941 784 792 (Geovana Fernandes)

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola

Empresas & Negócios

TELECOMUNICAÇÕES, DIAMANTES E COMÉRCIO TAMBÉM AGITADOS

TAAG e Sonangol entre os destaques empresariais

RETROSPECTIVA. Alteração na estrutura directiva, novos contratos e desentendimentos marcaram agenda da petrolífera, enquanto na TAAG, a saída da Emirates é o destaque de um ano, em que se sentiu forte agitação nas telecomunicações e nos cimentos.



Em Julho, a Emirates rescindiu o contrato com a TAAG.

Por Valdimiro Dias

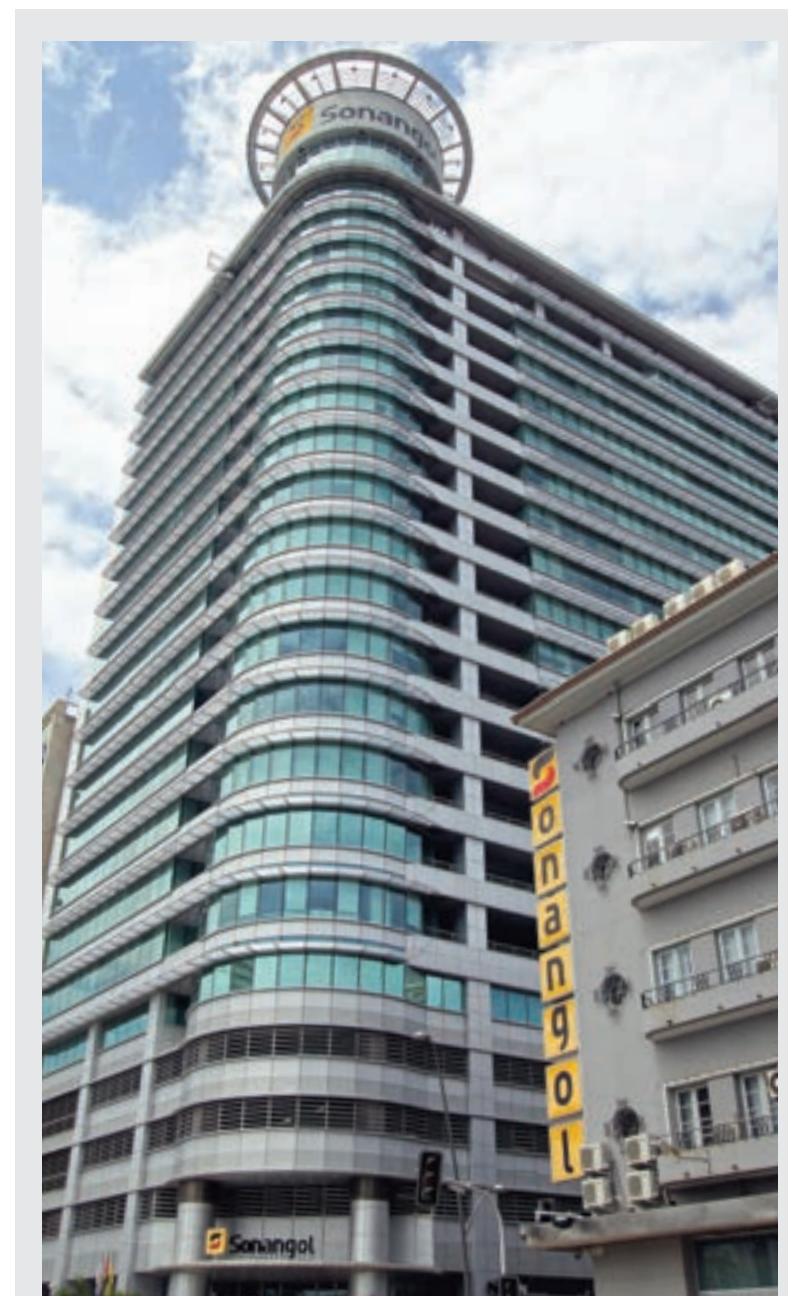
A Sonangol e a TAAG destacam-se entre os protagonistas empresariais do ano, mas as cimenteiras, a distribuição e as telecomunicações também estiveram agitadas. Tal como nos anos anteriores, a Sonangol, que o Presidente da República, João Lourenço, chegou a designar como a “galinha de

ovos de ouro”, concentra as atenções por o petróleo ser o motor da economia. Assim destacam-se as mudanças operadas em Novembro na liderança da empresa, com a saída de Isabel dos Santos, na função de PCA, substituída por Carlos Saturnino, precisamente o homem que tinha sido exonerado, pela empresária, no ano passado, de CEO da Sonangol Pesquisa e Produção.

Na base do afastamento da filha de José Eduardo dos Santos, estariam as recomendações do grupo técnico criado pelo Presidente da República para avaliar as preocupações apresentadas pelas petrolíferas e reveladas num encontro com João Lourenço. A par disto,

as petrolíferas condicionam a continuidade dos investimentos, caso houvesse uma redução da parte que o Estado no direito do petróleo destinado ao lucro, cuja percentagem varia com base na taxa de rentabilidade interna. Um dossier que, entretanto, transita para o próximo ano. Isabel dos Santos contesta qualquer ligação do seu afastamento da Sonangol às conclusões do grupo de trabalho.

Outro destaque é a dívida acumulada da petrolífera estatal, em mais de dois mil milhões de dólares, para com os grupos empreiteiros que exploram os blocos em que a Sonangol actua como investidora. A empresa admite que se ressentiu da “baixa drástica no



A reestruturação na liderança da petrolífera estatal foi um dos assuntos maior destaque em 2017.

preço de petróleo”. No entanto, depois de exonerada, Isabel dos Santos revela que deixou aprovada uma linha de financiamento junto de bancos internacionais para o pagamento da dívida.

Bem perto do final do ano, a

Sonangol rubrica um contrato de gestão da Refinaria de Luanda, a única do país, com a multinacional italiana ENI, cujo acordo prevê a duplicação da capacidade de processamento de derivados de petróleos e a formação de trabalhadores.

Balanço 2017

Acordos polémicos

O recente acordo com a Total para a distribuição merece também destaque, acompanhado pelo alerta de Isabel dos Santos sobre eventuais reduções nos lucros da Sonangol Distribuição com a assinatura do contrato. A antiga PCA da Sonangol acusa a petrolífera francesa de pretender ficar com os postos mais lucrativos. O acordo com a petrolífera resulta também na exploração no bloco 48 e no alargamento das operações no bloco 17, o mais produtivo do país.

Por outro lado, a British Petroleum (BP) anuncia perdas na ordem dos 750 milhões de dólares nos últimos dois anos só em Angola, na sequência de um investimento nos blocos 19 e 29 que se manifestaram “economicamente insustentáveis”. Porém, a companhia britânica manifesta-se firme na intenção de continuar com os investimentos.



Nova operadora

Novas perspectivas são abertas nas telecomunicações com o anúncio de um concurso público internacional para um quarto operador, incluindo a rede fixa, móvel e de televisão por subscrição, integrando o Estado a estrutura accionista com 45% do capital. Torna-se público que a reestruturação da Angola Telecom “não está a ser um processo fácil”. Parte das acções da Movicel é adquirida por uma empresa de capitais russos, mas a parte angolana mantém-se como accionista maioritária.



Emirates abandona TAAG

A TAAG volta a ser gerida por uma comissão de gestão depois da Emirates, em Julho, dar um fim ao contrato de concessão na gestão da companhia nacional, alegando “dificuldades prolongadas” no repatriamento das receitas das vendas. A transportadora também reduz de cinco para três o número de frequências semanais para Luanda, via Dubai. Em Maio, o então PCA da TAAG, Peter Hill, terá sido persuadido a reconsiderar a ideia de abandonar a gestão da transportadora aérea nacional. Para trás, ficam os resultados alcançados com destaque para o corte dos prejuízos operacionais da transportadora pública em 97,1%, para os cinco milhões de dólares, em 2016, face ao ano anterior. A TAAG chega a ser galardoada com o prémio ‘Feather’ do Aeroporto Internacional da Cidade do Cabo, atribuído pela companhia de aeroportos da África do Sul (ACSA), tendo concorrido com companhias aéreas como a Singapore e Turkish Airlines. Ainda na aviação, duas companhias viram suspensas as licenças de voo pelo Instituto Nacional de Aviação Civil (INAVIC) a Guicango e Air 26.



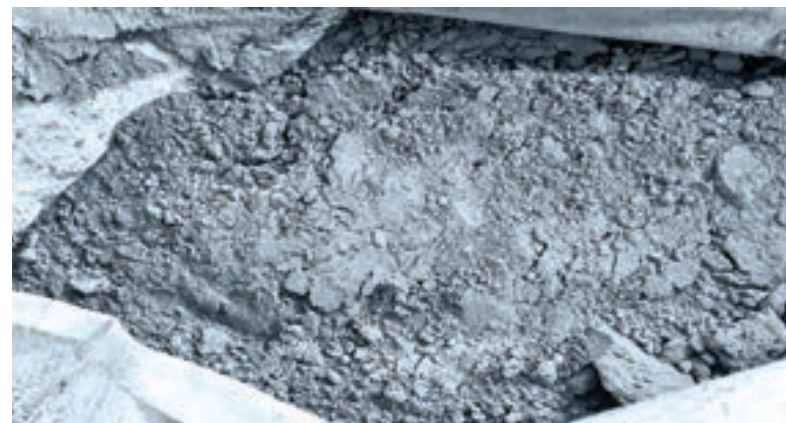
Diamantes a brilhar

O negócio dos diamantes também esteve agitado. Além da exoneração do então conselho de administração, liderado por Carlos Sumbula (substituído por Ganga Júnior), o destaque vai para a saída da Sodiam da sociedade que controla a ‘holding’ do grupo ‘De Grisogono’, a joalheria de luxo suíça detida por Isabel dos Santos e pelo marido, Sindika Dokolo.



ENDE: dívida em alta

A dívida global dos clientes à Empresa Nacional de Distribuição de Energia (ENDE) é avaliada em mais de 81 mil milhões de kwanzas, com Luanda a representar metade deste montante, revela ao VE o director comercial da empresa pública, Marcos Balanga. A dívida vem sendo acumulada desde 2002, com o último balanço, em Setembro desse ano, a assinalar um montante superior a 81.281 mil milhões, com tendência crescente. O valor cresce dois dígitos por mês desde a última actualização do tarifário da electricidade.



Cimentos param e retomam

O preço do cimento nos últimos meses conhece uma subida substancial, devido à paralisação de duas unidades fabris concorrentes da Cimangola, a China International Fund (CIF), no Bom Jesus, em Luanda, e a Fábrica de Cimento do Kwanza-Sul (FCKS). A falta de ‘heavy fuel oil’ (HFO), combustível utilizado para a produção do clínquer, é a principal causa. A situação, no entanto, é ultrapassada com a retoma de fornecimento pela Refinaria de Luanda.



Os altos e o baixo

O Candando, com a abertura de dois novos supermercados em Luanda, e a Top Brands Angola (TBA), com as lojas Worten Zippy, Mo, Sport Zone, Chicco e Swatch, são os maiores investimentos na distribuição. Por outro lado, a venda de automóveis regista quebras de 90% comparativamente aos números de 2014.

(In)formalizando

ESTUDO NA FRONTEIRA DO LUVU

Fuga ao fisco domina comércio

COMÉRCIO. Vendas declaradas para a RDC, por via do mercado fronteiriço do Luvu, em 2016, fixaram-se em 43 milhões de dólares. Valor real excede, no entanto, os 215 milhões, de acordo com um estudo elaborado no local.

Por Isabel Dinis

O valor estimado da mercadoria exportada anualmente para a República Democrática do Congo (RDC), pela fronteira do Luvu, aproxima-se dos 215,3 milhões de dólares, cerca de 80% dos quais (172,24 milhões) não são declarados.

Os dados são de um estudo financiado pela União Europeia e realizado pela Assistência Técnica de Apoio Institucional ao Ministério do Comércio com o objectivo de potenciar os empresários com informações sobre a estrutura do mercado da RDC para bens de consumo produzidos por Angola e para assessorar as empresas angolanas no apoio à diversificação das exportações.

A análise revela que, em 2016, as mercadorias comercializadas por Angola e declaradas chegaram apenas a 43 milhões de dólares. Ou seja, cerca de 20% do total das vendas estimadas pelo relatório.

Cimentos, madeiras, bebidas, bens alimentares e cerveja são dos produtos saídos de Angola mais procurados na RDC, que tem mais de 80 milhões de habitantes. O país vizinho é essencialmente importador de alimentos e produtos manufacturados, uma vez que tem limitada a produção.

O estudo conclui também que o comércio transfronteiriço entre os dois países, nos últimos anos, “está a crescer muito”, o que confirma a tendência de crescimento das trocas comerciais, num ambiente de crise de divisas. Aquele mercado tornou-se uma zona de eleição dos comerciantes angolanos para



O cimento destaca-se entre as importações da RDC pela fronteira com Angola.

o acesso a divisas e as trocas são impulsionadas, essencialmente, pela escassez de produtos básicos na RDC.

A fronteira terrestre entre os dois países é descrita, pelo estudo, como sendo “permeável” à actividade “fraudulenta” e de “difícil controlo”. Essa fragilidade tem sido aproveitada para a comercialização de produtos da cesta básica que beneficiam de isenção à entrada no país e, como tal, com a importação proibida.

Em Março de 2016, registou-se uma redução nos produtos da cesta básica como consequência das acções do Governo angolano de restringir a exportação.

Na visita dos especialistas nessa fronteira, “houve constatações de centenas de pessoas a carregar produtos, como a cerveja da marca

215

Milhões de dólares é o valor estimado da mercadoria exportada para a RDC.

Cuca, como se fosse para consumo próprio, levando, em média, três a quatro grades cada um”.

CIMENTO “CONTESTADO”

Angola não aparece na lista dos 10 maiores exportadores de cimento da RDC e não há declarações do produto importado de Angola por via marítima. As reportadas são apenas

feitas nos postos transfronteiriços.

A grande quantidade de cimento que entra na RDC, oriunda de Angola, não é declarada e tem sido contestada nos últimos anos pelos produtores locais, com queixas formais às autoridades congolenses. Um dos protestos, endereçado por carta, aponta as importações ilegais angolanas que “perturbavam o preço do cimento na RDC, o que punha em risco a folha de pagamentos de empresas locais”.

Em consequência disso, foi proibida, no ano passado, a entrada de cimento, barras de ferro e açúcar angolano na RDC por três meses. Em 2016, mais de 80 camiões foram barrados após essa decisão.

O principal fabricante da RDC, Cilu-Heidelberg Cement Group, explicou ao grupo de investigado-

res que o cimento angolano é “mais competitivo que o fabricado” localmente. O líder do maior fabricante explica que isso se deve ao menor custo de produção do produto angolano que, entretanto, tem a “mesma ou melhor qualidade”.

Os produtores angolanos, assim como de outros vendidos naquele mercado fronteiriço, desconhecem as quantidades exportadas para a RDC por serem asseguradas, essencialmente, pelo mercado informal.

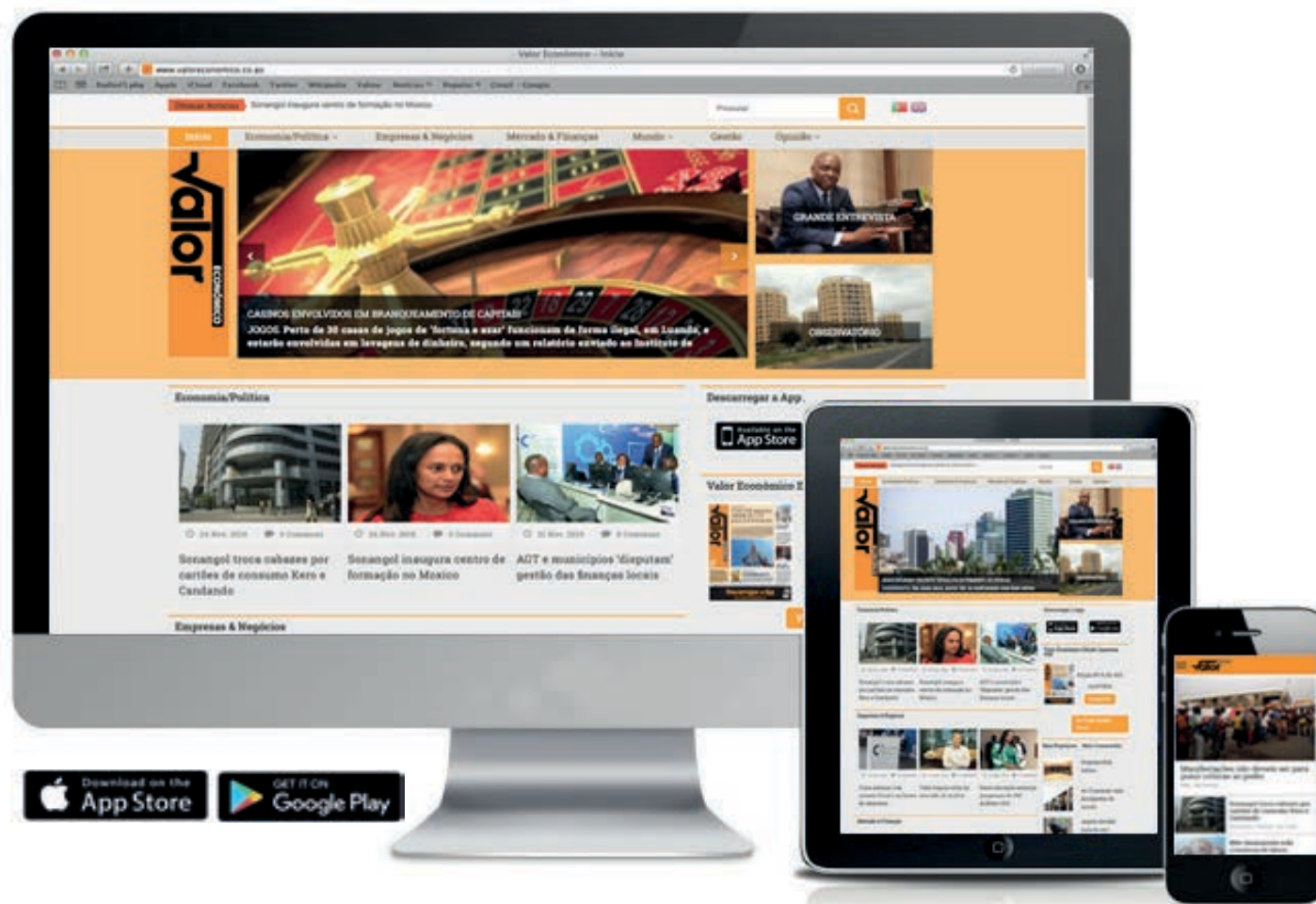
A comuna do Luvu está localizada a 60 quilómetros de Mbanza Congo, capital do Zaire. O mercado local existe desde 1980, funciona todos os fins-de-semana de maneira alternada nos dois territórios. Entre Agosto e Setembro, ficou encerrado por 20 dias devido às eleições em Angola.

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao

comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 (Arieth Lopes), 941 784 792 (Geovana Fernandes)

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola

DE JURE

ALEGADA TRANSFERÊNCIA ILEGAL DE VALORES

Unitel refuta envolvimento de Isabel dos Santos em processo judicial



LITÍGIO. Operadora de telecomunicações refere, em nota enviada às redacções, que a informação de que a sua accionista Isabel dos Santos terá levantado 238 milhões de euros do BPI antes de ver a conta congelada é falsa.

Por António Nogueira

A operadora de telefonia móvel Unitel refutou, recentemente, em comunicado, que a sua accionista Isabel dos Santos esteja envolvida em qualquer procedimento judicial accionado por um tribunal das Ilhas Virgens Britânicas.

Em causa, estão as notícias veiculadas pela imprensa de que o tribunal das Ilhas Virgens Britânicas emitiu uma ordem para congelar os bens da Vidatel, a empresa através da qual Isabel dos Santos controla 25% da Unitel, no BPI. As mesmas informações dão conta que sete horas

antes de os bens da empresa serem congelados por ordem judicial, Isabel dos Santos terá transferido mais de 230 milhões de euros para contas pessoais.

De acordo com a informação veiculada pelo jornal “Público”, na passada quarta-feira, o tribunal considera que “a senhora dos Santos demonstrou falta de franqueza” ao incorrer em incumprimento da ordem judicial emitida.

O magistrado do Supremo Tribunal das Caraíbas Orientais, Barry Leon, considera que o caso foi, sobretudo, grave tendo em conta que o desvio do dinheiro teve como destino contas privadas da empresária angolana.

Entretanto, a Unitel refere, numa nota enviada às redacções, que a informação de que a sua accionista

MEMORIZE

● **A Unitel refere, numa nota, que a informação de que a sua accionista Isabel dos Santos terá levantado 238 milhões de euros do BPI, antes de ver a conta congelada, é falsa.**

Isabel dos Santos terá levantado 238 milhões de euros do BPI antes de ver a conta congelada é falsa.

“Nem Isabel dos Santos (que não é accionista directa na Unitel) nem a Unitel são partes nesse procedimento judicial. Aliás, a Unitel não é nem

foi parte de qualquer procedimento judicial nas Ilhas Virgens Britânicas. Não sendo partes neste litígio, nem a Unitel, nem Isabel dos Santos tiveram a oportunidade de se defenderem perante estas alegações”, contesta, entretanto, a empresa a propósito do processo entre empresas suas accionistas.

A operadora de telefonia móvel angolana sublinha que não se trata de uma acção de julgamento ordinária, mas “apenas” de uma providência cautelar, realçando que “nenhuma transacção financeira ilegítima ou ilegal foi realizada pela Unitel ou por Isabel dos Santos”.

O CERNE DA HISTÓRIA

De acordo com o jornal ‘O Público’, tudo começou a 30 de Setembro de 2015, quando a Oi, através da PT

Ventures, apresentou um pedido urgente de congelamento dos bens da Vidatel como medida cautelar, enquanto aguarda pela conclusão do processo arbitral contra os seus parceiros angolanos na Unitel.

Neste processo, a PT Ventures reclama uma indemnização de cerca de 2.800 milhões de euros (entre dividendos não pagos desde 2011 e o valor da sua posição financeira na empresa), embora, à data da decisão sobre a ordem de congelamento, esse valor ainda estivesse calculado em cerca de dois mil milhões.

Foi por considerar que havia risco de “dissipação de bens” da Vidatel, que ameaçava a sua possibilidade de vir a ser ressarcida no futuro, que a PT Ventures avançou com o pedido de congelamento de bens, detalha ‘O Público’.

PUB

100.000 BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA: CHEGAMOS A TODAS AS PROVÍNCIAS.

Nova Gazeta 100 MIL. SEM CUSTO.

www.novagazeta.co.ao

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Gestão



O Facebook destaca-se no topo da lista, subindo uma posição em relação ao ano passado

FACEBOOK LIDERA LISTA

As melhores empresas para trabalhar no mundo

RANKING. Facebook destaca-se no topo da lista, subindo uma posição em relação ao ano passado, tendo deixado para trás outra das gigantes do mundo tecnológico, a Google, que se posicionou em quinto lugar.

Por António Nogueira

O site 'Glassdoor', especializado em carreiras, lançou, recentemente, a lista dos melhores lugares para se trabalhar. O 'ranking', que já vai na sua décima edição, usou como critérios a escolha de empresas com mais de mil funcionários, para além de se ter baseado nas avaliações dos respectivos funcionários, reunidas desde Novembro de 2016.

Para se qualificar, a empresa precisou de receber, pelo menos, 75 avaliações nesse período. Entre os factores levados em consideração estavam a satisfação, a oportunidade de carreira, o salário, o equilíbrio entre a vida pessoal e o

trabalho e a perspectiva de negócio.

O Facebook destaca-se no topo da lista, subindo uma posição em relação ao ano passado. Apesar das polémicas sobre a disseminação de informações falsas e estudos afirmando efeitos psicológicos negativos da plataforma, a receita da empresa de tecnologia só aumenta.

A motivação a nível da gigante tecnológica é alta, segundo o 'ranking' da 'Glassdoor', entre os seus cerca de 17 mil funcionários, que citaram benefícios profissionais e colegas de trabalho qualificados entre as vantagens de se trabalhar na empresa.

“Você lida com pessoas muito inteligentes, que estão estimuladas e acreditam no trabalho que estão a fazer. Dessa forma, as pessoas sentem-se encorajadas a exercer influência e criar produtos que podem afectar milhões de pessoas”, escreveu um funcionário da empresa, citado pelo estudo, acrescentando que, “além disso,

1.000

Funcionários é o número de trabalhadores requeridos pelo site especializado em carreiras 'Glassdoor' para que as empresas, a nível mundial, pudessem fazer parte do ranking sobre as melhores firmas para trabalhar.

MEMORIZE

- A motivação a nível do Facebook é alta entre seus cerca de 17.000 funcionários, que citaram benefícios profissionais e colegas de trabalho qualificados entre as vantagens de trabalhar lá, indica o estudo da 'Glassdoor'.

há um monte de comida disponível”.

A empresa de consultoria Bain & Company aparece logo no segundo lugar, tendo caído uma posição em relação a 2017. Os seus funcionários, refere o estudo da 'Glassdoor', afirmaram que gostam da empresa graças ao forte foco no desenvolvimento profissional e na cultura positiva.

“É-nos oferecida a possibilidade de trabalhar com óptimas pessoas, que são motivadas, realistas, pragmáticas, prestativas. Há uma clara perspectiva de ciclos promocionais e desenvolvimento profissional”, escreveu um dos avaliadores.

A 'Glassdoor' não explica, no entanto, os critérios que estiveram na base da escolha da Boston Consulting Group como a terceira melhor empresa para se trabalhar a nível do mundo. Sabe-se, no entanto, que a empresa fundada pelo norte-americano Bruce Henderson, em 1963, possui mais de 90 representações

em 50 países do mundo.

Já a cadeia de hambúrgueres In-N-Out se classificou em quarto lugar, subindo três em comparação ao último ano. Os restaurantes são conhecidos pela qualidade dos seus ingredientes. Mas, claro, os funcionários têm muito com o que se animar, incluindo um bom pagamento, um ambiente de trabalho agitado, refeições gratuitas e agendas flexíveis, de acordo com as avaliações recebidas pela plataforma.

A Lululemon, de Vancouver, aparece na sexta posição, logo depois da Google que se posicionou em quinto lugar. O retalhista de vestuário desportivo possui 421 lojas, contra 379 no ano passado.

Os seus funcionários, segundo a avaliação da 'Glassdoor', gostam das aulas de exercícios gratuitas oferecidas pela empresa, assim como do ambiente de trabalho positivo e dos generosos descontos na loja.

A lista de desejos dos investidores financeiros para 2018



MOHAMED A.
EL-ERIAN

Tendo em conta o quão bem se têm dado ultimamente os investidores, muitos provavelmente esperam mais do mesmo no próximo ano. Mas o que realmente deveriam desejar é que os fundamentos económicos e políticos melhorem ao ponto de validarem os preços dos activos existentes, ao mesmo tempo que estabelecem as bases para maiores ganhos.

Se neste Natal os investidores financeiros escrevessem cartas ao Pai Natal, provavelmente estariam tentados a pedir a continuação da combinação incomum de factores que dominaram ao longo deste ano: baixíssima volatilidade dos mercados, expansão dos activos financeiros, correlações que reduzem o custo da mitigação do risco de carteira e novas oportunidades promissoras (como a Bitcoin). Mas antes de fazer a lista de desejos, os investidores devem considerar os riscos a longo prazo associados ao fraccionamento dos mercados financeiros, no que respeita aos fundamentos económicos e políticos.

É compreensível que os investidores desejem mais do mesmo. Afinal, a menos de um mês de terminar, 2017 está a caminho de se tornar um ano, senão historicamente, bastante gratificante para os investidores. Em 12 de Dezembro, os mercados de acções globais e, em particular, o índice S&P, obtiveram ganhos de 20% ao ano - e isto, aliado a uma série de vários anos em alta. Acrescente-se a volatilidade excepcionalmente baixa - nos EUA, 2017 mostrou, até ao momento, a menor perda diária em toda a história do índice S&P500 - e percebe-se porque é que os investidores não têm grandes razões para se preocupar.

Normalmente, estes fortes ganhos em acções são acompanhados por preços mais baixos para os títulos da Dívida Pública - a chamada correlação negativa entre activos seguros e de risco. Tal não acontece em 2017. Apesar do impressionante aumento de capital, o preço dos títulos do Tesouro dos EUA a longo prazo foi maior no início de Dezembro do que no início do ano.

E depois há o aumento precipitado da Bitcoin. A cripto-moeda teve este ano um aumento impressionante (começando pelos 1.000 USD para mais de 16.000 USD em 12 de Dezembro), mesmo a mais pequena participação nesta moeda digital fez uma diferença importante nas carteiras dos investidores.

CINCO GRANDES FACTORES PERMITIRAM ESTA SITUAÇÃO INCOMUM

- Uma recuperação sincronizada no crescimento económico global, que continua em progressão.
- Progresso nos Estados Unidos no que concerne a políticas pró-crescimento.
- Hábil normalização da política monetária pela Reserva Federal dos EUA (que ainda está a decorrer).
- Produtos de fundos de investimento passivo que atraem grandes fluxos.
- Continuação de grandes injeções de liquidez de três grandes bancos centrais - o Banco do Japão (BJ), o Banco Central Europeu (BCE), o Banco Popular da China (BPC) - que, combinadas com a abundância de efectivos corporativos, reduziram os custos de financiamento para um conjunto significativo de famílias e empresas.

Passemos agora para as notícias menos boas: a não se manter estas melhorias económicas e políticas, os factores que tanto encorajaram os investidores em 2017, arriscam gerar uma inversão desagradável

da fortuna. O forte desempenho deste ano foi, afinal, impulsionado significativamente pelos ganhos “emprestados” aos próximos anos.

No que diz respeito à mitigação do risco de carteira, o aumento dos preços dos títulos públicos deixa pouca margem para que este activo, tradicionalmente seguro, compense uma possível redução das acções. Dada a forma como funcionam muitos dos modelos de valor em risco, a persistência da baixa volatilidade resultou em várias áreas numa concentração de posições, que pode resultar tecnicamente frágil.

Quanto ao aumento vertiginoso da Bitcoin - alimentado em parte pela crescente participação de investidores institucionais - pode indiciar que está a caminho de uma ampla aceitação. Mas também pode vir a tornar-se numa grande bolha financeira, cujo inevitável colapso provocará sérios danos.

O que deveriam então realmente esperar os investidores no próximo ano? Em geral, a principal prioridade deve ser a melhoria dos fundamentos económicos e políticos, a ponto de melhor validarem os preços elevados dos activos existentes, ao mesmo tempo que se estabelece uma base para maiores ganhos a longo prazo.

Atingir esta meta exigiria, nos EUA, a expansão das políticas pró-crescimento, que, como anunciado recentemente pela administração de Donald Trump, incluiria um plano de infra-estruturas para a desregulamentação e medidas fiscais. Os países europeus devem também prosseguir com medidas pró-crescimento mais orientadas para o nível nacional, apoiando simultaneamente fortes iniciativas regionais, facilitadas por uma liderança franco-alemã revigorada e reformista e um processo Brexit relativamente ordenado.

Quanto ao Japão, o primeiro-ministro Shinzo Abe deve aproveitar a maioria decisiva obtida na Dieta (órgão legislativo do Japão), nas eleições antecipadas de Outubro, para implementar a terceira “seta” da Abenomics: reformas estruturais pró-crescimento. Finalmente, para promover um crescimento estável, todos os bancos centrais do mundo com importância sistémica - em particular o Fed, o BJ, o BCE e o BPC - devem continuar a coordenar as suas estratégias, com o objectivo de garantir uma política monetária consistente.

Somente com tais esforços, a recuperação actual do crescimento global pode desenvolver as raízes estruturais necessárias para que a mesma seja durável, equilibrada e inclusiva a médio prazo. Tal é ainda mais crítico num momento de risco geopolítico em mudança e de dinâmica incerta quanto a produtividade, salários e inflação.

Por mais tentador que seja concentrar os votos natalícios na satisfação dos nossos desejos mais imediatos, é imperativo que este ano, as listas de desejos dos investidores tenham em consideração o grande panorama económico e político.

Conselheiro Económico-Chefe da Allianz, fundador da PIMCO, onde actuou como CEO e co-Director de investimento. Foi presidente do Conselho de Desenvolvimento Global do presidente dos EUA, Barack Obama. Anteriormente, actuou como CEO da Harvard Management Company e como vice-Director do Fundo Monetário Internacional. Foi nomeado um dos 100 melhores pensadores globais da Política Estrangeira em 2009, 2010, 2011 e 2012. É o autor do recente livro, O único jogo na cidade: bancos centrais, instabilidade e evitar o próximo colapso.

O que deveriam então realmente esperar os investidores no próximo ano? Em geral, a principal prioridade deve ser a melhoria dos fundamentos económicos e políticos, a ponto de melhor validarem os preços elevados dos activos existentes, ao mesmo tempo que se estabelece uma base para maiores ganhos a longo prazo.

Internacional

REINO UNIDO, FRANÇA E EUA APREENSIVOS

Rússia quer fornecer armas à República Centro Africana



ARMAMENTO. Moscovo solicitou autorização ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para fornecer armas e munições ‘leves’ à República Centro Africana, país que, desde 2013, anda sob embargo de armas.

Por António Miguel*

Os Estados Unidos da América, Reino Unido e França mostram-se preocupados por a Rússia ter solicitado ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) autorização para fornecer armas e munições consideradas ‘leves’ à República Centro Africana (RCA).

Os três tradicionais aliados solicitam ao governo russo que se explique “melhor” sobre o tipo de armas que pretende vender ao país

africano. “O nosso único pedido foi que a delegação russa envie informações adicionais sobre os números de série das armas para que possamos rastreá-las”, afirmou um funcionário do governo norte-americano, citado pela Africa News. “Pensamos que é um pedido razoável e ressalta a importância de coordenar a protecção física, controlo, armazenamento seguro e gerenciamento de armas e munições comercializadas”, argumentou.

Moscovo pretende fornecer armas a dois batalhões (no total de 1.300 soldados), que foram, recentemente, treinados pela União Europeia, respondendo, deste modo, ao pedido do presidente da RCA,

Faustin-Archange Touadera, feito ao ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov. Faustin-Archange Touadera que solicitou a assistência militar em Outubro, na cidade russa de Sochi.

No entanto, o país africano encontra-se sob embargo de armas, aplicado em 2013, pelo CSNU, após o conflito entre as forças armadas governamentais e grupos rebeldes armados. O presidente Touadera solicitou já às Nações Unidas uma flexibilização do embargo para permitir que o seu governo reforce os equipamentos militar das forças armadas.

Peritos militares russos, que estiveram na RCA em Novembro depois da solicitação de Touadera, propuseram o fornecimento de armas. Na lista, constam 900 pistolas, 5.200 ‘rifles’ de assalto, 140 ‘rifles’ de atiradores, 840 metralhadoras kalashnikov, 270 RPGs e 20 armas antiaéreas, lê-se no documento russo apresentado ao Conselho de Segurança.

A Rússia quer ainda abastecer as forças armadas da RCA com milhões de munições, incluindo cartuchos de blindagem, granadas de mão e argamassa. “O arma-

1.300

Soldados centro-africanos precisam de ser abastecidos com armamentos.

2013

Ano em que as Nações Unidas embargou venda de armas à RCA.

zenamento e o gerenciamento de ‘stock’ de armas da primeira entrega serão organizados nas instalações de armazenamento já existentes sob protecção armada”, explicam os russos no documento já citado.

A Rússia quer também construir armazenamentos adicionais para armas enviadas, fora da capital Bangui, onde a maioria dos confrontos ocorrem. Entretanto, a França, que receia que as armas caíam nas mãos de grupos rebeldes, tinha, recentemente bloqueado ‘o progresso’ das intenções russas.

A República Centro-Africana tem, há cinco anos, lutado para retornar à estabilidade desde que o país caiu em derramamento de sangue após o derrube, em 2013, do antigo presidente François Bozize, perpetrada pela aliança rebelde, principalmente o grupo muçulmano Seleka.

A França interveio militarmente para expulsar a aliança de Seleka, mas o país continua apoiado pelas milícias insurgentes, que disputam o controlo de áreas potencialmente ricas em recursos naturais.

MEMORIZE

- A República Centro Africana enfrenta, há cinco anos, um conflito militar entre forças oficiais e milícias rebeldes, em que não faltam massacres de aldeias inteiras, violações, recrutamento de crianças e doenças mortais. Por isso, o secretário-geral da ONU, António Guterres, apontou a situação como uma das crises humanas mais profundas e menos conhecidas do planeta.

Com agências*



O EX-MINISTRO russo da Economia, Alexei Uliukayev, foi condenado a oito anos de prisão por ter aceitado um suborno de dois milhões de dólares, quando exercia o cargo oficial.



UM TRIBUNAL britânico que avalia casos sobre liberdade de informação classificou, em sentença, o portal de divulgação de informação WikiLeaks como uma “organização de meios de comunicação”.

NELSON MANDELA Dinheiro do funeral desviado

O organismo nacional da luta contra a corrupção da África do Sul informou ter descoberto, recentemente, elementos que provam que milhões de dólares tinham desaparecido durante os preparativos do funeral do antigo presidente sul-africano, Nelson Mandela.

Segundo as acusações, houve aumentos fraudulentamente aos custos atribuídos aos contratos e ainda má gestão do evento histórico que reuniu dirigentes de todo o mundo. A neta de Mandela, Mandla, afirmou que toda a família reagiu com “indignação e consternação”. “Quando nós, a família, a nação e o resto do mundo chorávamos a perda do nosso ente querido, líder e homem do Estado, alguns tinham intrigado para se aproveitar financeiramente e usurpando os fundos sem vergonha”, afirmou em comunicado, apelando que se faça justiça.

Mandela morreu a 5 de Dezembro de 2013, aos 95 anos e foi sepultado na aldeia natal de Qunu, na África do Sul, após funerais nacionais celebrados a 15 de Dezembro na presença de presidentes, soberanos e personalidades mundiais.

Segundo o órgão anti-corrupção, cerca de 300 milhões de rands (22 milhões de dólares) dos fundos públicos destinados às cerimónias foram esbanjados.



PME recebem ajuda de bancos e do governo das Ilhas Maurícias

100 MILHÕES DE DÓLARES PARA PME

BAD dá crédito às Ilhas Maurícias

O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) vai disponibilizar 100 milhões de dólares para financiar pequenas e médias empresas (PME) nas Ilhas Maurícias.

Segundo um comunicado do BAD, o empréstimo foi aprovado por intermédio do MauBank Holdings, com vista a permitir às Ilhas Maurícias desenvolver as PME e estimular os investimentos privados em vários domínios

na indústria, comércio e agricultura. Vão ser abrangidas também a aquicultura, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e o transporte.

Este apoio vai permitir ao MauBank aumentar o número de clientes PME de 4.400 para seis mil das quais, 1.500 empresas de mulheres e 300 pertencentes a jovens. O MauBank Holdings representa a prioridade exclusiva do governo maurício que se compromete em apoiar esta instituição financeira a realizar o Plano Director lançado em 2017. Este último está conforme com o Programa do BAD ‘Indus-

trializar África’.

O Plano Director do governo maurício tem por objectivo aumentar a contribuição das PME para o Produto Interno Bruto (PIB) de 40% para 52%, elevando ao mesmo tempo a quota das PME no mercado do emprego a nível nacional de 55 para 64%. Mais de 100 mil PME registadas nas ilhas Maurícias empregam mais de 280 mil pessoas.

Alguns sectores prioritários do MauBank na agricultura, indústria alimentar, têxteis, produtos artesanais e serviços disponibilizam milhares de empregos para mulheres.

NOVA MEDIDA DO GOVERNO DA NIGÉRIA

Milhões para combater Boko Haram

A luta da Nigéria contra o grupo Boko Haram recebe um grande impulso, já que os governadores estaduais aprovaram mil milhões de dólares para ajudar a combater o grupo radical muçulmano que actua há já dez anos.

O dinheiro virá do que é conhe-

cido como o excesso de conta do petróleo, que é uma reserva obtida com a venda do crude. Embora o presidente Muhammadu Buhari tenha dito que a guerra contra Boko Haram foi conquistada, o grupo continua a fazer ataques e a realizar atentados suicidas no nordeste da Nigéria e nos países vizinhos.

Antes de os governadores aprovarem o financiamento, militantes de Boko Haram invadiram uma base militar no estado de Borno,

no Nordeste do país. De acordo com a agência de notícias AFP, catorze dos militantes foram mortos quando o exército repeliu o ataque com a ajuda de reforços

O presidente nigeriano afirma repetidamente que Boko Haram está derrotado. Os últimos desenvolvimentos indicam um esforço renovado do governo para descarrilar e, com expectativa, exterminar um inimigo ‘mortal e teimoso’.

REINO UNIDO Theresa May ‘enfraquecida’

Os líderes europeus apoiam, em Bruxelas, uma enfraquecida primeira-ministra britânica, Theresa May, mas advertiram que ainda falta muito trabalho em relação às futuras negociações do Brexit sobre relações comerciais. “Theresa May fez boas propostas e os 27 poderão constatar progressos suficientes, mas restam muitos problemas por resolver e não há muito tempo”, declarou a chanceler alemã, Angela Merkel, após um jantar de trabalho.

A primeira-ministra britânica afirmou que as “discussões foram boas”.

Na véspera, o governo de Theresa May sofreu uma derrota quando vários dos seus deputados uniram-se à oposição para impor que o Parlamento britânico tenha a palavra final sobre o acordo de divórcio com a UE.

A derrota enfraquece a primeira-ministra e trava uma semana triunfal, iniciada na última sexta-feira, em Bruxelas, quando conseguiu alcançar - contra todos os prognósticos - um acordo com a UE que permite iniciar a discussão da futura relação.

A ‘luz verde’ vai abrir as portas para discutir a futura relação do Reino Unido com a União Europeia, após a saída do Londres, referendada a 29 de Março.



Ambiente



Ambientalistas estimam que o Camboja se tenha tornado num importante ponto de trânsito do marfim africano nos últimos anos.

CARGA FOI IMPORTADA DA COSTA DO MARFIM

Apreendida quase uma tonelada de marfim africano

CONTRABANDO. Em Dezembro do ano passado, as autoridades do Camboja apreenderam, perto da capital, Phnom Penh, 1,3 toneladas de marfim numa carga de madeira procedente de Moçambique.

Quase uma tonelada de presas de elefantes foi apreendida no Camboja, uma das portas de entrada na Ásia do lucrativo tráfico de marfim procedente de África, anunciaram as autoridades na semana passada.

“Algumas das peças de marfim foram cortadas em pedaços para poderem ser escondidas no meio de uma carga de madeira”, declarou Lim Bun Heng, vice-procurador da província de Preah Sihanouk, no Sul do Camboja, à agência de notícias francesa AFP. No total, foram contabilizados 279 pedaços, com um peso de 940 quilogramas.

O porto comercial de Sihanoukville é o maior do Camboja e também a principal via de acesso ao país, vizinho da China, que é um dos grandes consumidores de marfim do mundo.

A carga, importada da Costa do Marfim por uma sociedade com sede em Moçambique, “destinava-se a um país terceiro”, detalhou o vice-procurador, sem referir a China. “Quando os contentores chegaram ao porto, nós identificámos objectos suspeitos no ‘scanner’. Pedimos ao proprietário da empresa para abrir os contentores, mas ninguém apareceu”, indicou Lim Bun Heng.

A falta de resposta e o procedimento administrativo que se seguiu explicam o atraso na abertura do contentor em causa, que chegou

em Dezembro do ano passado, de acordo com o mesmo responsável.

Também em Dezembro do ano passado, as autoridades do Camboja chegaram a apreender, perto da capital, Phnom Penh, 1,3 toneladas de marfim numa carga de madeira procedente de Moçambique. Na altura, as autoridades referiram claramente que a carga tinha como destino a China. As

MEMORIZE

● O porto comercial de Sihanoukville é o maior do Camboja e também a principal via de acesso ao país, vizinho da China, que é um dos grandes consumidores de marfim do mundo.

duas apreensões podem estar relacionadas, segundo a procuradoria cambojana, face às semelhanças detectadas: a ligação com Moçambique, bem como a forma de dissimular o marfim, no meio de uma carga de madeira.

Estas apreensões colocam em relevo o papel-chave desempenhado pelo Camboja no tráfico de marfim.

O marfim, cujo comércio é proibido, é apreciado pela sua beleza na Ásia em geral, mas particularmente na China, onde peças refinadas e jóias são fabricadas com esse material. Ambientalistas, segundo a Lusa, estimam que o Camboja, país pobre conhecido pela corrupção das autoridades, se tenha tornado num importante ponto de trânsito do marfim africano nos últimos anos.

1,3

Toneladas de marfim foram encontradas numa carga de madeira procedente de Moçambique, em Dezembro do ano passado.

279

Pedaços, com um peso de 940 quilos, foram contabilizados.

Educação & Tecnologia

EM CASO DE EMPATE, SERÃO PRIORIZADOS OS MAIS NOVOS

Universidade Agostinho Neto dispõe de cinco mil vagas para 2018

EXAMES DE ACESSO. Comissão dos exames alerta que portadores de deficiência deverão fazer a inscrição presencial para facilitar processo de organização e dar um tratamento especial.

A

Universidade Agostinho Neto (UAN), em Luanda, anunciou, na passada semana, que tem disponíveis,

para o próximo ano académico, cinco mil vagas em 45 cursos.

As inscrições vão decorrer entre 4 e 20 de Janeiro e os exames de aptidão estão marcados para o período que vai de 29 de Janeiro a 3 de Fevereiro, estando o início das aulas agendado para a primeira semana de Março.

Segundo a comissão dos exames, os portadores de deficiência deverão igualmente fazer a inscrição presencial e não por intermédio de outrem,

MEMORIZE

- **Como critério** em caso de um empate num determinado curso entre dois candidatos, a comissão de avaliação da UAN vai dar prioridade àquele que tiver menor idade.

como forma de a reitoria da UAN saber o grau de deficiência e dar um tratamento especial, como a indicação da sala de exame.

Como critério em caso de um empate num determinado curso entre dois candidatos, a comissão de avaliação da UAN vai dar prioridade àquele que tiver menor idade.

A UAN ministra 45 licenciaturas

em nove faculdades, institutos e escolas superiores, cobrindo um vasto leque de campos de estudo.

Fundada em 1976, a UAN é a maior universidade de Angola. Ministra, entre outros cursos, Engenharia, Ciências Sociais, Direito, Economia, Letras e Medicina, assim como programas de doutoramento para carreira de investigação académica e de especialização profissional.

Segundo a própria universidade, a UAN “aposta na formação integral dos estudantes, na produção, difusão e transferência do conhecimento científico, tecnológico e cultural, em favor das comunidades, de acordo com os mais altos padrões internacionais, tendo em vista contribuir para a aprendizagem e proporcionar valor económico, social, político e cultural à sociedade”.

Comparativamente a 2017, segundo o vice-reitor para a Área Académica, Domingos Neves Margarida, houve uma redução de 40 vagas, justificada pelo número de salas existentes nas unidades orgânicas.



Apple ganha 'guerra' no comércio tecnológico

SNAP E SPOTIFY PERDERAM

Apple compra Shazam por 400 milhões de dólares

A

Apple comprou a Shazam, empresa responsável pela aplicação de reconhecimento de música com o mesmo nome. Depois de o 'Tech Crunch' avançar rumores de uma possível aquisição pela empresa criadora do iPhone, o mesmo meio que o acordo já foi fechado, num negócio de aproximadamente 400 milhões de dólares. A Snap, proprietária do Snapchat, e o Spotify, concorrente directo do Apple Music, estiveram também na corrida para adquirir a empresa britânica.

Num comunicado da 'gigante' californiana, a empresa afirma estar “bastante entusiasmada que o Shazam e a sua equipa se juntem à Apple”. A empresa adiantou ainda que a aplicação, que “esteve constantemente nos 'rankings' da App Store como uma das mais populares”, será um complemento “natural” para o serviço de música da empresa, o Apple Music.

O Shazam divulgou também um comunicado em que afirma “não conseguir imaginar uma melhor casa do que a Apple para continuar a inovar e distribuir 'magia' aos utilizadores”. Uma fonte do Tech Crunch revelou que a empresa, que tinha uma avaliação de mil milhões de dólares, “nunca encontrou um modelo de negócio que trouxesse verdadeira receita, apesar da popularidade”, daí a venda ter sido feita por 40% do valor em que estava avaliada.

O Shazam é uma das aplicações mais populares para Smartphones, com mais de mil milhões de instalações em dispositivos. A empresa, fundada em 1998, em Inglaterra, começou por oferecer um serviço em que era possível telefonar, por um custo, para um número de telefone e reconhecer uma música que estivesse a tocar. Em 2008, foi lançada na App Store, para os telemóveis com o sistema operativo da Apple, o iOS, e, poucos meses depois, na Play Store, para os sistemas Android.



A UAN abre portas a candidatas a 4 de Janeiro.

Marcas & Estilos

Para a 'selva' urbana

A 24two Leather é uma mochila icónica para quando está sobre duas rodas e é ideal para quando vai ao escritório. Com dois compartimentos, é projetada para ajudá-lo a atravessar a 'selva' urbana. Uma variedade de configurações para os seus compromissos ao longo do dia.

Desportos urbanos

Esta Scooter eléctrica de uma roda da Kiwano KO1 foi fabricada a partir de fibra de carbono e alumínio, em duas versões: uma para passeios urbanos e outra para práticas desportivas. É adaptável a todas as superfícies.

Tricôs e franjas

O casaco da Intarsia é uma espécie de padrão gráfico tricotado. A guarnição é completamente franjada, assim como são os colarinhos, punhos e bainhas. O fecho de frente e os bolsos na cintura dão a ventilação necessária nas costuras laterais.

Temperamental

O aço laminado a frio definitivo da Lowell é uma homenagem ao aspecto essencial da indústria. Os parafusos feitos à mão levam esse sentimento dois passos adiante, solidificando a aparência corajosa. A Lowell não é para os fracos de coração.

Visibilidade ideal

O relógio da SI/01 é um aceno para a fabricação limpa com o surgimento da reciclagem. É de movimento perceptível e revela atitude consciente. O 'nylon' translúcido mostra o motor completo. Os braços foram projectados com azul metálico para uma visibilidade ideal.

Bracelete

As pulseiras Speedometer são desenhadas e produzidas em Itália. O aço marinho é de alta qualidade, resistente à água, arranhões e é à prova de temperatura. A tira colorida é produzida em alumínio tratado por um processo para suavizar e permitir que o objecto seja ajustável ao pulso e ao momento.

TURISMO

Tá Fish, um espaço diferente

Nada sabe tão bem quanto entrar para um espaço que nos atrai a partir do nome, em seguida, a excelente culinária. E, para fechar, o preço. O centro comercial Avenida, em Talatona, ganhou um novo 'ponto de encontro' para amigos e até mesmo para a família. Pelas mãos de três amigos, surge o restaurante Tá Fish, aquele está fixe bem à moda angolana. O espaço é simples e acolhedor e oferece uma nova opção.

A casa possui um amplo cardápio com sugestões de petiscos, variedades em carnes, peixe, frutos do mar. Os destaques são os tradicionais pratos angolanos feitos pela 'prata da casa'. É, na verdade, um projecto, como garante a gerência, que vem dar resposta à necessidade da diversificação da economia que, mais do que captar clientes e gerar lucros, irá criar também postos de trabalho.

O Tá Fish funciona em regime non stop, de segunda a segunda e pronto para atender às necessidades da clientela com preços acessíveis.



AUTOMÓVEL

Cayenne, sucesso e longa vida

Esta é a terceira geração do SUV de luxo que revolucionou o negócio da Porsche e que será lançado no próximo ano. Ter um ou mais desses tornou-se obrigatório para todas as fabricantes, mesmo entre modelos desportivos. O novo Cayenne 2018 é muito diferente dos anteriores. O 'design' ganhou contornos desporti-

vos, com o tecto levemente curvado, que deixa a coluna traseira menos 'quadrada'. E o resultado é um Cayenne de traços elegantes. Este Porsche traz um 2.9 V6 biturbo capaz de 'despejar' 440 cv e um motor agressivo de 4.500 rotações, acoplado sempre a uma transmissão automática de oito mudanças. É um sucesso de longa vida.



AGENDA

LUANDA

ATÉ 3 DE JANEIRO

Exposição colectiva 'MuArte' com Andreia Gambôa, Inês Melina, Ivânia Sobral, Nadriane Saraiva, Naiole Hilário e Tânia Dominique, na Galeria Tamar Golan. Às 18 horas.

19 DE DEZEMBRO

Lançamento do livro 'Saiba Como Ser Empresário Com Mentalidade', de Osvaldo Betatela, na Biblioteca Nacional. Às 18h:30.

19 DE DEZEMBRO

Concerto intimista de Wilmar Nakeni, no Centro Cultural Português. Às 18h:30. Entradas grátis.

20 DE DEZEMBRO

Lançamento do livro 'Flores não são para os mortos', de Rosa Soares, no Palácio de Ferro. Às 17h:30.

22 DE DEZEMBRO

'Azimute Solidário 2017' com música ao vivo com Toty Sa'med e os DJ Ruca Moreira, Andy Luv e Gordio e PimOtas, no Clube de Ténis de Luanda. Ingressos a 12.000 kwanzas.

“ A juventude está um pouco perdida. Muitos jovens estão mais preocupados com o supérfluo. Antigamente, era muito difícil ver adolescentes beberem e raparigas aos 14 anos concebidas. Hoje, parece que esta prática é normal. ”

TERESA DE ALMEIDA, JOGADORA DE ANDEBOL DA SELECÇÃO E DO PETRO ATLÉTICO DE LUANDA

“Faltou mais experiência e concentração”

DESPORTO. Nos últimos tempos, notabilizou-se na baliza do sete nacional pela segurança nos postes da equipa. Foi uma das atletas mais aplaudidas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, Brasil em 2016. Teresa de Almeida, ou simplesmente ‘Bá’, viu-se ‘obrigada’ a ‘falhar’ ao Mundial de andebol na Alemanha, por conta de uma lesão no tornozelo direito. Em entrevista ao VE guarda-redes entende que faltou “experiência” e “concentração” por parte das colegas para que a selecção angolana alcançasse melhores resultados.

Por Lúcia de Almeida

Como foi não participar do mundial de andebol?

Foi muito triste. Saí de Angola lesionada, ainda assim acreditava que conseguiria ajudar a nossa selecção. Fiz quase todo o estágio e, a dois dias para embarcar para França, recebi a notícia de que não podia fazer parte do grupo para o mundial. Foi triste. Apesar de ainda estar lesionada, estou a fazer fisioterapia, acredito que mais um mês estou recuperada. Enquanto isso, dou força às colegas, penso positivo e continuo a lutar para melhorar.

Teve de se contentar a assistir ao mundial pela televisão...

É sonho de todo o atleta jogar no mundial e, dessa vez, não consegui. Foi difícil e, ao mesmo tempo, uma boa experiência.

O que faltou para a selecção obter melhores resultados?

Faltou mais experiência e concentração. A nossa selecção é muito jovem e as outras tinham atletas mais experientes, o que não significa que nós não saibamos jogar. A

nossa selecção era uma das mais jovens deste mundial.

A saída do treinador Filipe Cruz influenciou nos resultados?

Prefiro não falar sobre isso.

Houve cobiça para jogar no 1.º de Agosto?

Sim, algumas vezes. Quando o jogador está numa boa fase da carreira, acredito que os melhores clubes querem sempre ter estes jogadores.

E porque é que não aceitou a proposta?

Ainda não chegou o momento certo. Sinto-me bem no Petro Atlético de Luanda. É neste clube que comecei a jogar e ainda não senti nem vi nenhuma anomalia, por isso permaneço na equipa até agora.

O que acha de atletas formadas no Petro, mas depois vão para outros clubes?

Os jogadores seguem as melhores condições. Se calhar, as condições que lhes são oferecidas superam aquelas que o clube oferece. A vida desportiva é muito curta e existem oportunidades que devem ser ‘agarradas’. Há quem pense duas



Mário Muijtes © VE

vezes e há quem pense no agora e muda de clube.

Por que motivo deixaria o Petro?

Se um dia deixar o Petro, vai ser por causa das condições. Não digo que o 1.º de Agosto não tenha feito uma proposta alta. Fez. Era uma proposta que nem me deixava dormir em condições. Era quatro vezes mais daquilo que ganho no Petro. No entanto, não podemos seguir só o dinheiro. Temos de estar onde nos sentimos bem e temos o apoio de todos.

Por quanto tempo mais deseja jogar?

Mais dois ou três anos.

O que pretende fazer quando deixar o andebol?

Pretendo ser treinadora de andebol e passar a minha experiência às jogadoras mais jovens.

Dá para viver do desporto?

Claro. O segredo está na gestão e na consciência. E, além disso, tenho alguns investimentos. Neste momento, estou a terminar uma hospedaria que pretendo inaugurar brevemente.

Como vê a juventude angolana?

A juventude está um pouco perdida. Muitos jovens estão mais preocupados com o supérfluo. Antigamente, era muito difícil ver adolescentes beberem e raparigas aos 14 anos concebidas. Hoje, parece que esta prática é normal.

Como se pode melhorar?

Os nossos pais deviam ser mais duros, exigentes e investirem mais nos filhos. Incentivá-los a praticar desporto porque ajuda muito a afastar-se da delinquência e de outros males que enfermam a nossa juventude.

Teve de se refugiar ao desporto para fugir de algum vício?

Não. Entrei no desporto porque era a única menina em casa e, todas as tardes, jogava futebol com os rapazes. Certo dia, apareceu um dos treinadores de guarda-redes seniores do Petro e pediu permissão à minha mãe para que fosse jogar andebol. Também aceitei o desafio e cá estou até hoje.

Quando o jogador está numa boa fase da carreira, acredito que os melhores clubes querem sempre ter estes jogadores.

PERFIL

Nome: Teresa Patrícia Lopes Filipe de Almeida
Data de nascimento: 5 de Abril de 1988
Estado Civil: Solteira
Naturalidade: Luanda
Um jogador: Geovani Massengue (guarda-redes)
Calçado: 43



NÚMEROS DA SEMANA

15

Propostas que a Sonangol já recebeu para a construção de uma nova refinaria, revelou o Presidente da República, João Lourenço, durante o seminário de capacitação de quadros do MPLA.

28,1

milhões de dólares, valor dos contratos que foram assinados, a semana passada, pela Unidade Técnica de Apoio ao Investimento Privado (UTAIP) do Ministério da Indústria, resultado de nove projectos.

15

mil milhões de dólares, valor total que os bancos comerciais e instituições financeiras angolanas têm em depósito junto dos seus correspondentes no exterior, segundo estimativas apresentadas pelo governador do BNA, Massano Júnior.

40

Mil metros cúbicos, quantidade de gasóleo e gasolina que a Sonangol passará a fornecer a Cabinda, no próximo ano, representando um crescimento de 62,5% face aos actuais 15 mil metros cúbicos.

PRODUÇÃO DE PETRÓLEO ANALISADA PELA OPEP

Angola ‘cai’ em Novembro



A produção de petróleo em Angola voltou a cair em Novembro, com uma quebra de 108,7 mil barris para um total de pouco menos de 1,6 milhões de barris por dia, segundo o relatório mensal sobre o mercado petrolífero, elaborado pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e divul-

gado na semana passada.

Em sentido oposto, a produção da Nigéria aumentou 95,8 mil barris para 1,790 milhões de barris por dia, permitindo reforçar a condição de liderança da lista dos maiores produtores de petróleo em África e afastando-se progressivamente de Angola. Esta variação,

no entanto, é baseada em informações de fontes secundárias, segundo a organização.

Com base nas fontes primárias, segundo ainda a organização, a produção angolana registou um ligeiro aumento de seis mil barris por dia, fixando-se num total de pouco mais de 1,6 milhões de barris por dia. A Nigéria, por sua vez, registou um aumento de 151,1 mil barris, atingindo pouco menos de 1,8 milhões de barris diários.

Em meados de 2016, Angola passou a condição de líder dos produtores africanos como resultado de problemas técnicos na Nigéria que, entretanto, recuperou a posição em Outubro para voltar a perder, de novo, em Dezembro.

Em Novembro, os dois terminaram com a mesma produção, perto de 1,7 milhões de barris dia.

MINISTRO DO COMÉRCIO PREVÊ PARA 2021

Angola passa a país de rendimento médio

A graduação de Angola de país menos avançado (PMA) a país de rendimento médio deve ocorrer em 2021, prevê o ministro de Comércio, Joffre Van-Dúnem, que participou na 11ª conferência ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Segundo um comunicado do Ministério do Comércio, Joffre Van-Dúnem afirmou, que relativamente a Angola, está em curso a elaboração da Estratégia de Transição Suave para a Graduação da Categoria dos PMA, que conta com a colaboração de alguns parceiros internacionais.

O ministro solicitou ainda que as medidas e os benefícios ligados ao estatuto de PMA deveriam ser



retirados progressivamente, como parte de uma estratégia de transição harmoniosa, tendo em conta a situação específica de cada país em matéria de desenvolvimento.

O Plano de Acção de Istambul 2011-2020, adoptado em Maio de

2011, enfatiza que “as medidas e os benefícios ligados ao estatuto de PMA deveriam ser retirados progressivamente, como parte de uma estratégia de transição harmoniosa, tendo em conta a situação específica de cada país em termos de desenvolvimento”.



CORRUPÇÃO

BPC colabora com PGR

O Conselho de Administração do Banco de Poupança e Crédito prontificou-se a prestar “total colaboração” à Procuradoria Geral da República (PGR) na abertura de um processo de inquérito sobre a eventual cobrança ilegal de valores para o carregamento de cartões visa e transferência de divisas para o exterior.

A posição está expressa numa nota de imprensa, onde a instituição revela ter tomado conhecimento da abertura de um processo de inquérito com a finalidade de aferir a veracidade dos factos contidos na denúncia de desconhecidos e, em consequência, responsabilizar criminalmente os autores de tais práticas.

Na nota, o banco garante que tem exigido dos colaboradores “elevados padrões de boa conduta e rigor no cumprimento dos princípios éticos e profissionais”.

O VALOR ESTA SEMANA

NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2018
Banco Postal inicia crédito

O início da concessão de crédito por parte do Banco Postal está previsto para o primeiro trimestre de 2018 com o lançamento da segunda unidade de negócio, Comércio e Empresários. A concessão de crédito não faz parte das ofertas do Xikila Money, a primeira unidade de negócio da instituição que funciona há cerca de um ano. **Pág. 16**



PRODUTOS VIGIADOS
Preços baixos durante as festas

O preço dos produtos vigiados registou uma queda de cerca de 18%, no início deste mês, comparativamente a igual período do ano passado. A baixa de preços é sentida tanto nos supermercados como nos armazéns.

Pág. 8

PRETENSÃO DE FAZENDEIROS
Ovos com nova associação

Os grandes produtores de ovos pretendem criar uma nova associação e criticam a actualmente existente por “pedirem favores ao Estado”. Os proprietários de fazendas sentem-se capazes de discutir com o Estado e, por isso, não se revêem na Associação Nacional dos Avicultores de Angola, ANAVI. **Pág. 8**